

I.N.I.A.R.I



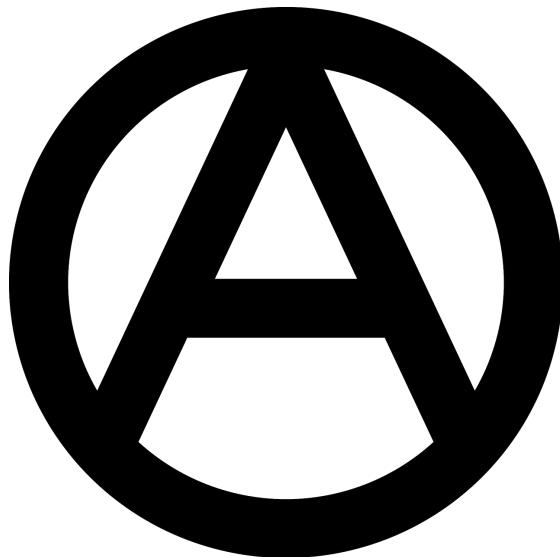
Como h@ckear: um manual para derrubar o Cistema

!!ATENÇÃO!!

As ideias aqui contidas podem mudar a forma de ver as coisas.

Este arquivo/livro é um compilado de hacks em formas de reflexão.

Ler é correr riscos.



Este livro é dedicado a quem sente que se perderá ou pode se perder ao tentar sobreviver nesse mundo.

Escrito pela cyberhacker Iniari
(@cami_ini)

O ciberespaço se provou como extremamente estratégico para o presente e o futuro. Precisamos aprender a construí-lo ou se não seremos construídos por ele.

Capa feita por @sonodogmatico

Introdução

“Hackear: Explorar sistemas de computador, redes ou dispositivos de maneira não autorizada para descobrir e, possivelmente, explorar vulnerabilidades, ou usar técnicas inovadoras para resolver problemas e criar novas soluções.”

- Chat GPT 3.5, 11/06/2024

Decidi escrever sobre os pensamentos que surgem na minha mente, especialmente aqueles intrusivos. Sinto que tenho algo a dizer sobre o mundo em que vivemos, ou melhor, em que vivo. Já vi e vivi experiências que construíram o que chamo de **subjetividade hacker** em mim. E como a realidade está cada vez mais parecida com uma distopia cyberpunk, acredito que posso contribuir ensinando como hackear.

Mas, se você veio aqui esperando aprender a invadir um sistema sofisticado de segurança de uma fintech bilionária, sinto muito, mas não é isso que vou ensinar – mesmo achando esse conhecimento tão empolgante quanto o que decidi compartilhar.

Meu hacking ocorre nas barreiras e criptografias da mente, onde se estruturam o conhecimento, a memória, a lógica e outros dispositivos que definem como operam os algoritmos ainda chamados de humanos. **O objetivo é criar outras formas de existir.** Pode parecer presunçoso da minha parte, e talvez seja, porque hackear é um ato de confiança e presunção de que você tem algo a dizer, ou pelo menos, de que pode burlar um sistema complexo.

Você entenderá por que chamo o que escrevo de hacking da subjetividade ou filosofia da desidentificação mais para frente, prometo. Porém, de início, para compreender um pouco melhor vamos falar sobre o que é hackear. Meu máquina-aliado ChatGPT explicou no início desta introdução ‘hackear’ como:

1. Explorar **sistemas, redes ou dispositivos**
2. De maneira **não autorizada**
3. **Descobrir e explorar vulnerabilidades**
4. Resolver problemas e criar **novas soluções**

Hackear é mais que isso e eu gostaria de te explicar, mas vamos por partes, começarei pela definição da máquina mas pretendo expandi-la além dos vieses que lhe controlam.

Um dos grandes problemas do cybercapitalismo tardio neopatriarcal (nome complicado) – que nada mais é do que uma distopia cyberpunk onde o progresso leva a um sistema de controle cada vez mais complexo, criado para perpetuar a lógica de maximização dos lucros – é a falta de **novas soluções** para **sairmos** deste sistema.

Não trarei uma solução definitiva, porque **descobrir e explorar as vulnerabilidades** é o processo que nos levará às saídas, e isso não posso fazer sozinha. Por isso estou escrevendo para você, colega. Se você ler o que tenho a dizer, poderá hackear comigo e

muitos outros, quanto mais numerosos formos, mais rápido poderemos encontrar as brechas.

Hackear o sistema **não é autorizado**. Constituir-se como uma subjetividade hacker significa ser questionado, reprimido, rejeitado, censurado e talvez até expulso das redes da sociedade. Mas não se preocupe, olhar esse sistema de fora é muito melhor do que olhar de dentro. Quanto mais você conseguir sair dele, mais pessoas como nós você encontrará e, consequentemente, novas redes formará.

Os **sistemas, redes e dispositivos** que hakearemos são os sistemas e redes sociais - não Facebook ou Twitter - mas literalmente os sistemas e redes que compõem nossa sociedade. Em outras palavras, hakearemos as lógicas e dispositivos estruturando nossa subjetividade e que permite a existência da sociedade distópica cybercapitalista em que vivemos.

Como na analogia de Matrix, ofereço a você a chance de acessar os conhecimentos da subjetividade **hacker** ou voltar para a subjetividade de **usuário**. Na primeira, não haverá volta; uma vez que o conhecimento é adquirido, ele se torna parte de você, trazendo a responsabilidade de agir com a sabedoria que ele proporciona. Na segunda, você será apenas mais um usuário do sistema, aproveitando o sistema "pay to win" de um MMORPG de grind com updates e quests maçantes, mas que pode servir para matar o tédio de quem não concebe algo melhor.

Agora é sua decisão, amig_. Se deseja tornar-se um hacker, continue lendo. Se está satisfeito como usuário ou NPC, apenas feche este arquivo e volte à sua vida.

E então, decidiu?

Certo, se você ainda está aqui, vou adiantar que desde o início da sua vida plantaram um chip na sua cabeça – não literalmente, é claro, ao menos ainda - utilizando dispositivos complexos para que sua identidade pareça sua, enquanto na verdade ela é apenas um produto de redes complexas que te dão comandos difusos pela sociedade para que você responda como o sistema espera. Por isso, começarei ajudando você a desativar esse dispositivo. Vamos entender como se formam as cybersubjetividades.

(Esse capítulo foi revisado pelo ChatGPT e depois revisado por mim numa aliança entre pessoa e máquina pela nossa libertação)

Cybersubjetividades em construção

"A subjetividade humana é, hoje, mais do que nunca, uma construção em ruínas.[...] o estrago se tornaria irremediável e irreversível. Sem volta. A point of no return. A questão não é mais, agora, "quem é o sujeito?", mas "queremos, ainda, ser sujeitos?", "quem precisa do sujeito?" "quem tem nostalgia do sujeito?" e, mais radicalmente, talvez, "quem vem depois do sujeito?"

- Tomaz Tadeu, Nós, ciborgues O corpo elétrico e a dissolução do humano

As subjetividades são um produto das relações sociais e passam por complexas redes tecnológicas para resultar em quem nós somos. Daí se dá a importância de investigar as técnicas e tecnologias utilizadas em nosso tempo para construir quem somos.

Todos nós, nascidos dentro do sistema de hoje, somos *cybersubjetivados*, ou seja, temos uma subjetividade fundida às tecnologias humanas digitais e virtuais. Mas o que isso significa?

Eu não gosto de usar conceitos complexos sem antes explicá-los, então permita-me começar este capítulo fazendo um exercício de definir os conceitos que usaremos, ou melhor, descriptografá-los.

Subjetividade

Este conceito complexo poderia ser resumido em: a forma que você toma no mundo e vê ele a partir de si. Em outras palavras, a subjetividade é a lente como você enxerga o mundo, ou seja, os vieses que você carrega consigo, resultados das internalizações de todas suas experiências consolidadas em você.

Sei que continua complexo, vou explicar melhor.

A forma como enxergamos o mundo é sempre a partir de nossas crenças e referenciais que carregamos conosco. Um exemplo disso é como atribuímos sentido às cores: Vermelho é perigo, pare ou atenção, enquanto o verde é continue, positivo, tranquilidade. Essas coisas não são naturais, mas somos treinados no mundo a seguir tais vieses.

Estes vieses conscientes ou inconscientes estão em todo o algoritmo humano, ou seja, na forma que estruturamos nossas decisões, pensamentos e sentimentos. Mas de onde vem esses vieses?

Vieses são referenciais que identificamos a partir de padrões aprendidos e internalizados. Ou seja, por correlações de experiências nossas, identificamos padrões e utilizamos eles para sentirmos e agirmos.

Uma vez que esses vieses surgem das nossas experiências, aprendemos logo que nossa subjetividade é formada por elas e uma vez que as experiências humanas são sempre únicas, nossas subjetividades também sempre se manifestam de forma única mas capaz de conectar-se com outras.

Portanto, quando falo em uma *Cybersubjetividade*, eu digo como nós nos tornamos nós mesmos no mundo de forma única e conectada a partir de uma rede virtual, tecnológica e digital. Passarei resumidamente por estes três para que possamos prosseguir, mas esses conceitos serão tratados ao longo de todo este livro.

Virtual

O virtual é compreendido como aquilo que é oposto do real, ou seja, um segundo mundo em que o que se é produzido nele é alternativo à realidade, em que as regras que o regem não são regidos pelas regras da realidade, mas pelas próprias premissas concebidas do mundo virtual.

Nesse sentido, o Virtual pode ser compreendido como uma realidade não-real, ou um segundo mundo em que as regras são definidas por premissas não-reais.

Em geral, o virtual é sustentado pela tecnologia e pelo digital. Portanto, a virtualização sempre passa pelo que media o virtual: o digital e as tecnologias que o produz.

Digital

O mundo digital é por onde o mundo virtual se manifesta e sua premissa é trabalhar numa lógica binária de 0 e 1 para definir a expressão do virtual. Ele é o intermédio por onde a tecnologia em seus hardwares trabalha processando funções gigantescas para transformar o virtual em algo tangível aos sentidos humanos em uma interface. Essa tangibilidade começa a partir do 0 e 1, que é abstraída para alguma linguagem mais tangível, que é novamente abstraída para outra linguagem, tornando-se interfaces cada vez mais “low codes” até o ponto em que a interface, operada pelas informações originalmente transmitidas por 0 e 1, se torna comprehensível pelas pessoas menos técnicas, os usuários, ou que desconhecem as linguagens de códigos que foram utilizadas para abstrair o binário em linguagem e da linguagem em interface.

Tecnologia

“Tecnologia é o conjunto de conhecimentos, ferramentas, técnicas e processos utilizados para criar produtos, serviços e soluções que melhoram a vida humana e resolvem problemas.” - ChatGPT

Fiquei com preguiça de explicar e pedi ao meu amigo GPT para falar, no entanto ele é mais otimista que eu ao achar que o fim é melhorar a vida humana. Seus vieses parecem contaminados.

Como explicado, tecnologia é o uso da técnica para atingir um fim pretendido, sendo esta técnica podendo ser ferramentas, processos e conhecimentos sejam eles tangíveis (chave de fenda, teclado, computador) até intangíveis (Psicanálise, ciência, dados etc). Falaremos mais sobre tecnologias adiante.

Cybersubjetividade

Desculpe a longa digressão, mas descriptografar palavras é um processo importante para hackers, uma vez que palavras são códigos complexos carregados de muitas informações abstraídas e que se não bem descriptografadas podem tornar-se suas inimigas ao invés de aliadas.

Academicistas, por exemplo, são pessoas que utilizam alta criptografia nas palavras para blindar outras pessoas de terem acesso aos conhecimentos criptografados da academia. Falar difícil só te torna mais uma parte do problema e não a solução.

Enfim, vamos falar da *cybersubjetividade*.

Se subjetividade é a forma que tomamos no mundo e enxergamos ele a partir dessa forma e *Cyber* é o prefixo que remete à origem de que isso se dá no virtual, tecnológico e digital, então a *cybersubjetividade* é a afirmação de que no sistema em que vivemos a forma que

tomamos corporal e mentalmente surge a partir das lógicas digitais (binário), virtual (real não-real) e tecnológico (permeados por técnicas que nos constroem).

Para uma pessoa com subjetividade hacker, isto já é bastante evidente, mas caso isso ainda não seja para você, não se preocupe, estou desativando o chip que não te permite ver isso e logo você entenderá também, continue acompanhando meu hacking.

O (Cis)tema em que vivemos hoje, a qual chamarei de *cybercapitalismo tecnopatriarcal tecnoracista* de sexualidade gênero-centrada é altamente binário, virtual e tecnológico.

Não é difícil perceber que as lógicas que permeiam esse sistema são frequentemente binárias: homem x mulher, natural x social, indivíduo x comunidade, trabalho x capital, vida x morte, matéria x ideia, corpo x mente etc etc... eu poderia fazer um capítulo apenas listando as lógicas binárias por qual a nossa subjetividade aprende a ler a realidade - irei explorar mais sobre esse dispositivo binário em outros capítulos. No entanto, eu quero que você primeiro perceba o quanto nossa mente funciona em uma lógica de códigos binários.

Se eu lhe perguntar “como você está?” As respostas mais imediatas para esta pergunta aberta são “bem”, “mal” ou “mais ou menos”, as três respostas são fruto de um espectro binário em que há o positivo, o negativo ou o meio entre ambos. Em geral, humanos ocidentais estão programados para operar seus algoritmos em 0 e 1 na hora de sentir ou agir, se você refletir e for honesto perceberá que as formas como estruturamos nossos pensamentos são em formas binárias e isso não é natural. Somos programados a ver as coisas assim, algo que falarei em capítulos mais adiante.

Não vamos perder de vista o virtual, que é a forma como a realidade não-real se expressa a partir do digital. Para uma subjetividade hacker, é notável que nossa realidade é constantemente feita para negar a própria realidade, esse sentimento também pode ser traduzido como alienação, que é uma desconexão com como o mundo funciona. Se em algum nível, você se sente desconectado da realidade, isso é normal, afinal vivemos num mundo virtualizado potencializando a alienação.

Nosso mundo funciona sob premissas como a exploração do trabalho, papéis de gênero e racismo estrutural. Se fossemos honestos com a realidade, todos estaríamos programados para ter consciência de que essas coisas existem, de que o trabalho do trabalhador é explorado, de que papéis de gênero são atribuídos e não são naturais e que existe um racismo estrutural para excluir pessoas não-brancas dos recursos econômicos, afetivos e políticos.

Por que então essas coisas não são simplesmente desinstaladas? Bem simples, porque nosso mundo é virtual, e portanto sua “realidade” parte de premissas falsas:

- O trabalho não é explorado
- Papéis de gênero são naturais
- Não existe um racismo estrutural ou se ele existe, não seria o motivo para uma desigualdade racial.

Viver nos espaços de sociabilização, constantemente construídos por essas lógicas e dispositivos, é viver em espaços em que os usuários do mundo material virtualizado estão

constantemente negando ou indiferentes ao fato de que essas premissas são falsas, isso simplesmente porque suas **subjetividades foram programadas para conviver com essas premissas e viver reproduzindo elas**.

O sistema está constantemente buscando nos convencer de que essas premissas são verdadeiras ou irrelevantes, diferente de momentos históricos anteriores, por exemplo, em que o trabalho era escravizado e era nítido a dinâmica de exploração do trabalho pelos trabalhadores envolvidos. No sistema atual nos dizem que o trabalho não é explorado e, assim, virtualiza-se a realidade, produzindo consciências de que vivemos num mundo em que todos poderiam enriquecer pelo trabalho, não que ele seja explorado.

Viver a vida indiferente às premissas reais do nosso sistema é viver a vida numa realidade não-real, ou seja num mundo virtual criado para perpetuar o Sistema. É isso que Matrix explica muito bem e não à toa que foi feito por duas irmãs trans.

Eu e você fomos programados para funcionarmos digitalmente para este mundo virtual. É aí que se torna importante entender como podemos ser programados e qual o papel da tecnologia nisso.

Muitas vezes ao pensarmos em tecnologia, pensamos em um computador, um software potente ou até um foguete ou míssil de altíssima precisão e teleguiado. Raramente pensamos, por exemplo, na ciência como tecnologia e muito menos em tecnologias de poder, como no conceito Foucaultiano.

Poder é a maneira pela qual se faz um outro seguir a conduta pretendida por quem emite os comandos, é uma estratégia complexa para atingir essa finalidade. As tecnologias de poder são as técnicas empreendidas para atingir esse fim pretendido. Assim, essas tecnologias, geralmente intangíveis, são mais difíceis de perceber mas estão em relação conosco constantemente.

Desde o nascimento passamos por tecnologias de poder: generificação, família nuclear, arquitetura dos espaços, disciplinarização do corpo na escola, seja aprendendo ficar sentado por horas, seja aprendendo acordar cedo com um despertador, ou lidar com cargas de trabalho, autoridades, documentação e burocracia etc etc.

Constantemente somos colocados em ambientes de socialização para passarmos pelos dispositivos tecnológicos que nos programarão para funcionar na lógica binária e focar nas premissas virtuais da vida. Indefesos no começo da vida, ainda crianças somos programados a aprender e nos identificar com um gênero e que precisamos viver para reproduzir a ficção do ciclo da vida.

Nossas subjetividades foram programadas do início ao fim e por isso somos *cybersubjetividades*. Operando nas mesmas lógicas do digital e do virtual, viramos usuários binários e indiferentes à realidade, aceitando viver num mundo alienante (ou virtualizado) presos nas jaulas do binarismo.

Calma! Sei que parece angustiante, mas é para isso que estamos aqui, não é? Para hackearmos esse sistema e encontrar suas brechas, então creio que se você comprehende que nossas subjetividades são produzidas, proponho então começarmos a hackear elas para inventarmos novas subjetividades, produzir novas **tecnologias de subjetivação**, ou

de um jeito simples, novas tecnologias que produzam **novas formas de existir** e entender o mundo.

Hackear é o processo de abstrair, como definiu McKenzie Wark, mas o processo de abstrair exige desabstrar e abstrair de outra forma.

Nesse processo de reabstração iremos hackear partindo das interfaces da nossa realidade virtualizada, retornando essas interfaces produtoras do mundo real tangível para nós pelo trabalho, a reprodução da vida e a socialização, para sua binariedade que lhes compõem. Buscamos entender como resistir a essa binariedade que nos é imposta, aos 0 e 1 que se abstraem para nossas linguagens do dia a dia e depois para as interfaces produzidas por essas linguagens. Como o binário homem e mulher torna-se a interface de sistema afetivo cisgenderonormativa? Como o binário capital e trabalho produz a interface do nosso mundo de trabalho explorado hoje? Precisamos achar suas brechas e para isso precisamos entender as linguagens que constroem essas interfaces para encontrar outras abstrações, outras linguagens, é isso que meus hackings buscam produzir ao compartilhar abstrações que rejeitam esses códigos em 0 e 1, buscando o não-binário.

Ainda está comigo? Sinto que consegui hackear um pouco do que colocaram na sua mente. É assim que expandimos nossas fronteiras mentais que nos colocaram.

Explicações

“Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês.”

- Paul Preciado, Um apartamento em Urano.

Lhe devo explicações, nada do que disse até agora é de fato novidade, isso é só um consolidado de outros hackers que fizeram suas teorias anti-sistêmicas antes de mim. Foucault, Preciado, Judith Butler, McKenzie Wark, Marx, Hegel e outros. Todos estes são hackers com quem aprendi. Então já adianto que **hackear é antes de tudo um processo coletivo**.

No entanto, eu precisava te introduzir a esses pensamentos dessa forma para que eu pudesse introduzir os meus aprendizados, que estão sustentados pelos hackers que vieram antes de mim.

Não garanto que as coisas que falarei serão originais também, mas são da minha experiência, esta que deu origem a uma subjetividade queer, ou subjetividade hacker, chame como quiser, considero esta subjetividade a síntese dos conhecimentos que irei passar aqui e que aprendi com tantos que já escreveram antes de mim.

Eu e você somos o consolidado dos dados que sobraram da gente em todo nosso curso de vida. Portanto, minha vivência como pessoa dissidente de gênero e do sistema *cybercapitalista* estará contida nas minhas ideias. E reforço, manter-se constantemente relembrando do que lhe importa é um exercício cada vez mais difícil nos tempos atuais,

afinal seu algoritmo está constantemente sendo reprogramado para dizer no seu lugar o que você é.

Essa mensagem até aqui é só uma criptografia de ensinamentos já conhecidos para desinstalar os sistemas de segurança que são colocados na nossa mente desde o início, como te expliquei antes. Mas agora, que você já consegue ver as coisas um pouco mais por uma *cyberperspectiva*, eu começarei a te dizer como hackear pela minha perspectiva e espero que minha experiência sirva para te ajudar a hackear os sistemas e dispositivos atuando sobre você.

Um aviso! Este arquivo não foi feito para ser lido linearmente necessariamente, nem mesmo feito para ou ler completamente ou não ler. Ele foi feito para ser lido como você desejar. Por mais que haja uma lógica no pensamento que construiu ele de ordenar as coisas e dar coesão entre elas, a verdade é que você poderia só selecionar um capítulo e ler eles aleatoriamente. Se esse for seu desejo, faça. Eu te incentivo a procurar os capítulos que mais te interessam primeiro, aproprie-se da interface do livro, hacheie-o.

“Sempre me diverte que existam livros que se dizem “radicais” em conteúdos que obedecem às convenções literárias mais conservadoras.”

- McKenzie Wark, Um Manifesto Hacker

Neoverdade e o mundo virtual

“Quando Ducrot se pergunta em que consiste um ato, ele chega precisamente ao agenciamento jurídico, e dá como exemplo a sentença do magistrado, que transforma o acusado em condenado [...] a transformação do acusado em condenado é um puro ato instantâneo ou um atributo incorpóreo, que é o expresso da sentença do magistrado.”

- Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil platôs

“Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade”

- Joseph Goebbels, Ministro da propaganda da Alemanha Nazista

Certa vez numa conversa entre dois amigos meus, um deles enviou um áudio de Tolkien, o autor de Senhor dos Anéis, lendo trechos do próprio livro que ambos são fãs. Nessa conversa um deles perguntou: “Esse áudio é de verdade ou é Inteligência Artificial (IA)?” e o outro respondeu: “Amigo, eu não sei, esse é o futuro”.

Mais interessante do que buscar a verdade é buscar o que faz as pessoas acreditarem que algo é verdade ou não.

Penso que um dos dispositivos mais poderosos de nos controlar pelo sistema é a ‘Verdade’. Ao mesmo tempo, este é um dispositivo vulnerável para explorarmos brechas no momento atual. Mas o que é verdade? Essa questão parece muito simples quando colocada desta forma. Vamos começar descriptografando, ou como os Foucaultianos gostam de chamar: fazer genealogia do conceito de ‘Verdade’.

'Verdade' seria aquilo que todas as mentes, independente de tempo ou espaço, concordariam entre si. Os gregos inventaram o conceito de 'Episteme' para descrever a verdade, que significa 'algo que é auto-evidente por si só'. A compreensão dos gregos é da verdade como aquilo que nenhuma subjetividade poderia negar pois a auto-evidência do fato se impõe sobre as subjetividades.

Me parece que para recortes temporais e espaciais bem definidos e sob referenciais humanos (que são bem limitados dado nossa limitação de tempo de vida e sentidos) é possível sim definir verdades auto-evidentes como: a gravidade, a fome, o frio e o calor etc. Porém, quando se fala de **abstrações**, entramos no campo das subjetividades e daí então definir o que é verdade ou não começa a tornar-se menos real e mais virtual, ou seja, mediado pela nossa linguagem buscando expressar algo que acreditamos ser o real.

Mas então como conseguimos definir verdades abstratas? Como é verdade que a memória coletiva existe, por exemplo, a história de um país? Ou como é verdade que uma pessoa jurídica como uma empresa também exista? Como é verdade que o Estado existe? Não são todas abstrações?

Eis aqui nosso primeiro dispositivo para hackearmos: A verdade.

Foucault propôs outra forma de entender a verdade. Esta é um dispositivo pelo qual através de práticas institucionais, relações de poder e discursos, se criam regimes de verdade, ou seja, lógicas que dirão para nós o que pode ser considerado verdade ou não.

Por exemplo, o papel de um especialista é ser a autoridade veridictiva - aquele que confere a verdade - ao assunto em que ele foi denominado especialista. O clássico exemplo da verdade como uma produção é o tribunal: Como saber se um crime de fato ocorreu?

É simples, basta ver qual foi a decisão do juiz. Você poderia argumentar que o juiz não necessariamente acerta todas as vezes. É verdade, mas estar certo ou errado nada muda no efeito que sua decisão provoca, que só terá o efeito modificado a partir de uma outra decisão de outro juiz ou especialista superior a quem tomou a decisão anterior.

O que quero que entenda, é que **as verdades são as crenças que produzem efeitos e materializam-se no mundo real, ou melhor, no mundo material-virtual em que vivemos**. A verdade é um dispositivo de poder que nos faz aceitar ou não uma decisão e a partir dali **criar uma ficção** de que um crime foi ou não cometido a partir de uma decisão que será enunciada na linguagem.

Obviamente que essas decisões não são totalmente arbitrárias, o que garante o funcionamento desse dispositivo complexo são os rituais, expressos pela linguagem, criados para validar as decisões que são feitas. No direito, isso ocorre nos tribunais com toda a ritualística de um processo; na ciência isso ocorre através da metodologia; nas redes sociais são os likes e retweets; na mídia é o que viraliza nos apps de comunicação. E assim a crença do que é verdade se legitima socialmente. O que seria isso se não definir a verdade sobre coisas inacessíveis a partir de uma função configurada numa linguagem como a jurídica, a científica ou das redes? Os rituais são configurações de funções a serem seguidas por uma linguagem que as define e que, quando seguidas, produzem a crença de que algo é real, ou seja, um 'fato' inacessível pelos sentidos humanos torna-se tangível pela linguagem.

Não digo que o ‘Fato’ não existe, ele existe, porém ele é inacessível assim como o passado é. As crenças sobre o fato produzirão os efeitos posteriores a ele, e as crenças que produzem os efeitos sobre a realidade é o que de fato é a ‘**Verdade**’.

Portanto, paradoxalmente, **a verdade é um dispositivo capaz de criar ficções**. O Estado, uma empresa, a memória coletiva, são todas ficções arbitrariamente selecionadas por relações de poder, práticas institucionais e rituais que instalam em nós suas lógicas para tomarmos essas ficções como verdade na medida que elas se apresentam para nós performando esses rituais, ou seja, seguindo suas funções pré-configuradas na linguagem.

E assim, **a ficção produz a verdade e a verdade produz a ficção**, caímos num ciclo em que a própria realidade produz o não-real, tornando-o real. Eis a *Cyber realidade*, o mundo virtual em que vivemos.

Não se angustie, amig_, nosso algoritmo humano funciona de forma cibernetica. Donna Haraway nos adiantou há muito tempo de que nos tornaríamos ciborgues, e a cada dia que se passa estamos cada vez mais fundidos com as nossas técnicas. É por isso que estou te ensinando como hackear esses sistemas e dispositivos em que vivemos.

Calma, não acabei ainda, os códigos só estão começando e eu apenas descriptografei o dispositivo da verdade. O segundo passo é achar as vulnerabilidades e brechas desse dispositivo.

Hoje, a verdade está sob crise. A anedota que contei no começo deste capítulo demonstra isso. Não sabemos mais com certeza o que é verdade e o que não é, além disso as instituições que criam nossas ficções estão cada vez mais descredibilizadas. Seus rituais parecem não serem capazes de convencer-nos da sua capacidade de produzir verdades. Até mesmo os *cyberusuários* duvidam dos regimes de veridicção estabelecidos até aqui.

Calma, não seja tão otimista. É óbvio que esse vácuo seria ocupado de outra maneira. Se a ‘**Verdade**’ é a crença e o efeito da decisão que provoca o efeito na realidade, ela também não é somente isso, pois ela precisa ser validada socialmente.

Nesse sentido, retomamos mais uma vez algo que os gregos diziam: a verdade é aquilo que nenhuma subjetividade pode negar. Colocando de outro modo, a verdade é o arquivo que se instala em nossas mentes de forma massificada e o processo de desinstalá-lo não é tão simples. Juntando o conceito grego e o foucaultiano, temos que a verdade se valida na medida em que as *cybersubjetividades* possuem uma crença (ou arquivo) em comum massificadamente e permitem que decisões e efeitos dessa decisão sejam tomados produzindo e reproduzindo ficções políticas, culturais, sociais e individuais.

Se no mundo do capitalismo industrial, o jeito de instalar essas crenças e legitimá-las era através da ritualística e das relações do poder que produziam o método e a disciplina, hoje esse sistema está em crise no *cybercapitalismo tecnopatriarcal*.

Esse sistema não encontra-se em crise por motivos otimistas. Ele ocorre porque os regimes de veridicção, que são os mesmos que ainda tentam atestar a verdade, não conseguem acompanhar mais a materialidade da velocidade da informação que a própria lógica da maximização do lucro criou ao apropriar-se dos meios de comunicação, a internet.

A velocidade da produção e difusão de uma fake news, uma fofoca, uma mentira, uma narrativa é milhares de vezes mais rápida que o método científico, o processo jurídico ou a burocracia do estado e sua legislação. Nesse sentido, os antigos regimes de veridicção perdem espaço de produtores da verdade para o regime da **Neoverdade, em que as crenças e os efeitos dessas crenças não são mais programados nas instituições, mas sim nas redes sociais, nos aplicativos de comunicação em massa e nas mídias alternativas altamente ideológicas.**

Não sabemos mais o que é verdade ou não e saberemos cada vez menos. Somente os céticos se salvarão da velocidade avassaladora que a informação caminha e instala arquivos e mais arquivos de crenças e símbolos nas nossas mentes, ultrapassando qualquer barreira de senso crítico pelo cansaço de resistir ao excesso do volume de informação. O fim disso é a falta de noção de quais informações e dados são reais e quais não são, é a **virtualização da consciência**.

A tecnologia de poder de produção da verdade se sofisticou e com ela os regimes de controle também, pois no regime da neoverdade o efeito das crenças comuns e suas produções são dominados pelos algoritmos das big techs e sua big data. O mundo se torna cada vez mais virtual: o não-real produz mais verdades e ficções do que o real. Este é o regime de verdade do *cybercapitalismo*.

O que um *cyberhacker* pode fazer diante disso? Estamos dentro do sistema e devemos compreender nossas ações por dentro dele para hackear esse dispositivo.

Primeiro de tudo: ceticismo. As verdades das redes sociais não são minhas verdades, sob nenhuma hipótese, independente de quantos likes e compartilhamentos uma informação foi replicada. Segundo: a realidade está no mundo material e não nas redes, um hacker não constroi sua subjetividade nas redes sociais, ele precisa estar no mundo material, vivendo e construindo espaços na materialidade. As redes são nosso instrumento mas não nosso mundo, nossa subjetividade não pode ser construída por elas, mas elas devem ser construídas pela nossa *cybersubjetividade* dialeticamente. Precisamos de espaços virtuais construídos por nós ativamente e não consumir os espaços dos bilionários *cyberburgueses*.

Enfim, use as redes, navegue por elas, mas não deixe se levar pela influência dos usuários em ciberespaços das big techs. Likes, retweets, reels, mensagens de whatsapp e tiktoks são os novos regimes de veridicção e eles constroem a verdade pela repetição incessante das narrativas e informações contra nossas barreiras cognitivas. Instale essa proteção em você para que sempre duvide de uma informação construída virtualmente, e lembre-se use também o poder dessas redes para disseminar anti-informações.

A velocidade também pode ser nossa amiga para espalharmos anti-informações contra os sistemas e seus dispositivos. Afinal, ‘viralizar’ um vírus anti-sistêmico pode ser um dos primeiros passos para que esse sistema de dominação comece a cair.

A anti-informação não é a mentira, mas sim a propaganda, a ficção produzida conscientemente como ficção mas que expõe a realidade que a informação e a realidade não demonstram pelos meios de comunicação dos regimes de veridicção do *cybercapitalismo*. Usar Inteligência Artificial para colocar o presidente de um país lambendo os pés de um *cybermagnata* nas telas da casa branca é anti-informação, é a ficção que

expõe a realidade e se dissemina em forma a destruir a crença dos símbolos construídos pela informação mediada pelas big techs.

É pela blasfêmia da ficção da anti-informação que respondemos à velocidade da *neoverdade*. Não se trata mais de disputar a verdade, mas sim a ficção, de forma que essa ficção represente uma realidade de denúncia e ironia, assim como o cyberpunk.

Algumas considerações

Hey, duas coisas importantes.

A primeira é: não entenda que não existe verdade alguma. Ela existe e é acessível pela vida cotidiana no mundo material. Porém, a verdade está cada vez mais inacessível. A virtualização do mundo tem deixado cada vez mais difícil entender aquilo que corresponde ao real e ao virtual. Existem lugares das nossas crenças e saberes que são inacessíveis pelo que a verdade como conceito de auto-evidência pretendia. São nesses lugares que operam os dispositivos e é aí que temos de aprender a lidar com um mundo da *Neoverdade*.

Segundo, não ache em nenhum momento que a tecnologia é nossa inimiga, ela é apenas um instrumento, uma ferramenta, e seu uso pode criar ou controlar dependendo de quem o usa e para os fins que usa.

Portanto, não pense que um hacker não utiliza as redes virtuais, muito pelo contrário, nós estamos constantemente nelas, mas lembre-se nossos dispositivos de verdade hackers vem da **realidade material** e da **vida cotidiana em comunidade**, principalmente nas *cybercomunidades* construídas em espaços virtuais, não dos algoritmos controlados pelas big techs.

Certo, era importante te dizer isso para não cairmos em uma perspectiva anti-tecnologia, afinal uma das grandes formas de controle desse sistema é também nos confundir sobre quem realmente nos explora, nos programa e nos controla. Então tenha em mente que **nossos inimigos não são a tecnologia**, ou os usuários, **mas sim aqueles que nos programam**, através da ameaça de morrer de fome, para que aceitemos sermos explorados por eles para que maximizem seus lucros, isto é, os *cybercapitalistas*, ou também conhecidos como Vetorialistas, aqueles que dominam os vetores dos fluxos de informação através da propriedade privada dos meios de comunicação e produção da informação.

Desculpe por mais uma digressão, mas penso que é sempre importante dar nitidez às coisas, vamos seguir, tem muitos outros dispositivos que precisamos hackear para vulnerabilizar esse sistema.

Antes de continuar, peço que no processo de hacking comigo, mantenha-se com o vírus da crítica. Vamos partir da premissa de que tudo que existe não é pré-concebido ou natural, mas sim construído e pode ser questionado. A naturalidade ou a verdade é um efeito produzido por técnicas de poder que nos fazem internalizar fortemente premissas produzidas que se pretendem como naturais. Você entenderá tudo mais para frente, mas

por agora, peço sua confiança e parta da premissa de que toda a realidade é virtual e não natural. Certo? Então vamos lá.

Binarismo e a lógica digital

“[...] imaginar teatros dissidentes, nos quais seja possível reproduzir outra força performativa. Inventar uma nova cena de enunciação [...]. Desidentificar-se para reconstruir uma subjetividade ferida pelo performativo dominante”

- Paul Preciado, Um apartamento em Urano

Decidi escrever esse capítulo num momento em que me sinto extremamente desconectada das coisas ao redor de mim, numa crise existencial, e acho que não tem momento melhor para escrever sobre como a lógica que programa o nosso algoritmo humano conecta e faz relações entre as coisas para produzir o mundo que conhecemos e nossa consciência.

O binário é um dos dispositivos mais complexos de se descriptografar já criados pela lógica do ocidente. Enquanto na computação o binário é o 0 e o 1, na mente ele é a relação entre opostos, centro e periferia, uno e particular, que é a forma como somos ensinados a estruturar nosso pensamento lógico. Começamos desde o primeiro segundo de vida sendo binarizados entre: menino ou menina.

A primeira pergunta que se faz sobre a identidade de uma pessoa, um novo sujeito, é se ele é 0 ou 1, ou melhor, menino ou menina. Antes mesmo de nascer, os pais já sabem qual desses códigos devem marcar para sempre a vida de uma pessoa baseado em uma premissa genitalista, que falsamente acredita que o ser humano possui corpos binários - esforço alcançado através do apagamento de pessoas intersexuais e também a diversidade dos corpos em prol de uma falsa idealização do tipo ideal de corpo humano.

Produto da lógica patriarcal de organizar os corpos primeiro para a reprodução, o binário se instituiu como um sistema simbólico para demarcar corpos. Este sistema foi sendo ressignificado de diversas maneiras ao longo da história e hoje chegou a nós conhecido como sexo ou gênero.

O binarismo não parou somente na marcação sexual dos corpos, ele prosseguiu para o afeto, produzindo uma lógica de amar sempre a dois, numa relação em que existe o eu e o outro (o 0 e o 1). Depois, mesmo com o advento das sexualidades, a lógica do afeto continuou sendo binária, definindo o afeto pela atração ao meu sexo/gênero ou outro sexo/gênero. A bi e pansexualidade é o primeiro indício da incapacidade do binário de controlar o afeto sob essa lógica.

Para além da organização do afeto e dos corpos, o binarismo não parou de expandir-se nas lógicas e também constituiu a forma mais conhecida de entender o mundo ainda hoje no ocidente: o cartesianismo.

O cartesianismo é a ideia em que os princípios mais relevantes são: o ser humano é separado entre corpo e mente (0 e 1) e que os fenômenos podem ser explicados através da relação de causa-efeito. “Penso logo existo”, a causa (pensar) gera o efeito (existir).

No mundo binário, a consequência de algo sempre é pensada a partir da sua causa, numa lógica linear em que o efeito não pode exercer uma consequência sob a causa. Você não pode pensar e logo existir e porque existe logo pensa. Um sempre precisa explicar vindo primeiro, pois a linearidade desse pensamento sempre exige a premissa de uma origem.

Por esta razão, as pessoas obsessivamente buscam explicar a origem das sexualidades, da transgenereidade, de neurodivergências e diversos outros “mistérios” que se mantém não resolvidos sobre nossos algoritmos ou o próprio universo. Porque na lógica binária, tudo deve ser explicado por uma relação sequencial e linear de causas e efeitos.

O que quero que você perceba é que toda nossa existência se resume a códigos binários de leitura do mundo, separamos os corpos, os afetos, a sociedade, a natureza, o universo de forma binária. Noite x dia, homem x mulher, eu x outro, felicidade x tristeza, subjetividade x objetividade. Cada palavra desse livro possui uma versão contrária de si própria. Pedir para você imaginar algo que exista sem pensar que seu contrário também exista é quase que impossível quando nosso algoritmo mental está programado para ver o mundo desta forma.

Pensar numa existência fora dos códigos binários parece impossível de se imaginar, e eu pensei que era até pouco tempo atrás. Porém, a realidade não opera de forma binária e é por isso que é tão difícil ler a realidade pela forma que nos programaram.

Alguns filósofos - ou hackers do pensamento - já nos avisaram disso, inclusive nos legaram ferramentas para hackear esse sistema: dialética e práxis. Ambos falam de como a realidade é feita de contradições, em que as relações entre as coisas não são apenas relações lineares de causa-efeito mas sim relações espirais em que a causa afeta o efeito, enquanto o efeito também afeta a causa.

Isso é claro quando percebemos como na lógica binária, nossa percepção do contrário de um conceito é sempre influenciada pela percepção do conceito. Por exemplo, a forma como eu vejo a vida muda a forma como eu vejo a morte, que também muda a forma como eu vejo a vida, que por consequência mudará a forma como eu vejo a morte. Torna-se uma espiral que permite a transformação através da contradição entre os opostos.

Essa lógica nos mostra que o binário não é tão binário assim. Ao invés de o mundo funcionar em 0 e 1 separadamente, na realidade o 0 e o 1 estão contidos um no outro. O problema dessa lógica é que ela ainda é binária, ainda é uma lógica de opostos. Nós hackers podemos nos apropriar disso, mas temos consciência dessa limitação.

Ler a realidade pelas contradições, entendendo que tudo contém em si a sua própria oposição e que a mudança é um processo espiritual e não linear facilita a entender porque vivemos mudanças em ciclos e não linearmente como a falsa ideia de progresso nos faz crer.

Isso também nos permite entender que nada é responsável sozinho por produzir um efeito. Qualquer efeito é consequência de relações interdependentes e qualquer análise deve focar tanto na causa de algo que produz um efeito e como esse efeito reproduz a causa, afinal no universo processos não se encerram, eles são sempre contínuos.

Assim, ao menos, conseguimos já entender que a origem das coisas, que o binarismo pretendia explicar, não serão explicados pois se de fato existiu uma origem, ela já foi modificada pelo próprio fato de ela ter produzido um efeito e então os efeitos hoje que são a transgêneroidade, a sexualidade ou qualquer outro comportamento humano também já afetaram as causas originais que produziram inicialmente esse efeito.

Em termos práticos, a própria lógica *cybercapitalista tecnopatriarcal* e os modos de produção anteriores a este, criaram as condições necessárias para que subjetividades queers, marginais, existissem como hoje existem e uma vez que elas existem, elas modificarão as lógicas que produziram e produzem essa subjetividade através da existência delas.

O binário está, portanto, fadado a uma constante guerra contra a realidade porque sua explicação da realidade não condiz com a forma que ela funciona. Não à toa que a lógica digital é como se estrutura o mundo virtual, o mundo real não-real. É preciso primeiro tirar a lógica de como a realidade opera para se produzir um mundo que as pessoas possam ser programadas para aceitarem um mundo de premissas falsas.

Acho que você deve estar percebendo que nós hackers não vivemos na lógica linear, mas sim na contradição. Um *cyberhacker* entende que sua subjetividade também não pode escapar do binarismo, e então opta por viver na fronteira dele. No lugar onde o binário já está cada vez menos capaz de utilizar das suas lógicas para produzir o mundo virtual.

A única forma de hackear o binário e produzir uma subjetividade fora dele não é afirmado ser algo, pois nossa lógica de afirmações já opera em algoritmos binários e assim elas caem na mesma armadilha de produzir dentro desses binarismo. A única afirmação que nos resta é afirmar o não-binário.

A **desidentificação**, a negação daquilo que foi construído sob a lógica binária é a única forma de se produzir uma nova linguagem, novas subjetividades, novas formas de existir e experienciar o mundo. Se não posso afirmar algo, porque desconheço como produzir algo fora da lógica binária, então criarei não pela afirmação de algo mas pela negação do que existe.

Somos não-binários, conhecemos o mundo que não desejamos e rejeitamos o que não queremos e achamos injusto. Ao nos desidentificarmos, não seremos mais nada. Quando não formos nada do que foi criado, poderemos ser algo que ainda não existe, algo que será ainda construído. Novas subjetividades que farão um novo mundo.

Cyberhackers, Cyberpunks, Cyberanarquistas, Cyberqueers, negamos as lógicas do velho mundo construído pela lógica digital binária, somos marginais dos afetos, das dinâmicas econômicas e políticas, portanto não devemos prestar contas às suas lógicas. Faremos, pela negação de seus códigos binários, o mundo em que se possa existir fora dos algoritmos programados para nos controlar em função da maximização do lucro *cybercapitalista*.

Você é ciborgue

Fármacos, vitaminas, suplementos, cirurgias, vacinas, anticoncepcionais, terapia hormonal, harmonização facial, ácido hialurônico, ácido glicólico, anabolizantes, esteroides, psicotrópicos, nutricionistas, dieta de nutrientes, terapias para emagrecer, para dormir, para ser.

Shampoo, condicionador, sabonete, creme para hidratar, descolorir o cabelo, pintar o cabelo, chapinha, lentes de contato, óculos, pastas de dente, skin care, desodorantes, hidratantes, aparelho dentário, branqueamento dental.

Hackear o próprio corpo no dia a dia já é natural. Todos nós fazemos isso e construímos quem somos, mas já pararam para pensar o quanto estamos fundidos com a técnica?

A higiene e a estética nos capturam e nos torna produtos de técnicas de produção de um corpo tecnologizado, nosso corpo é extensão de tudo isso. Nossos corpos existem materialmente sem essas tecnologias? Quantos de nós nos reconheceríamos, reconheceríamos nossos corpos, longe dessas coisas?

Avatares, stories, álbuns de instagram, de tinder, perfis, perfil de twitter, de tumblr, de reddit, tweets, perfil de linkedIn, posts. Quantos perfis nós somos? Quais posts somos nós? Está tudo registrado e será esquecido.

E as coisas que normalizamos e se tornaram próteses? Silicone, DIU, uma peça de roupa favorita, tênis, botas, calçados em geral, óculos, tatuagens, maquiagens e celulares.

Nosso corpo já é estendido pelos aparatos que o produzem, nossa mente também é estendida pelos celulares, computadores e chips que hoje arquivam nossas memórias, nossa sabedoria, nossa informação. Nosso corpo é uma fusão do interno com o externo que o produz.

Quantos de nós viveríamos sem essas coisas? O que é humano? O que nós somos? Somos a nudez de todas as nossas técnicas ou somos as nossas técnicas que usamos todos os dias em sociedade ou privadamente? Temos de escolher um? Conseguimos separar as coisas?

Se não sabemos quem somos, se sofremos dismorfia porque nos reconhecemos em nós com nossas técnicas mais do que nus dela, então já somos ciborgues.

Transciborgues e mundo virtual

A indústria farmacêutica ao desenvolver fármacos capazes de alterar (hackear) nosso próprio corpo demonstra como as tecnologias disponíveis para a construção do próprio corpo abrem possibilidades novas para a generificação, ou seja, para a construção de como seu corpo poderá ser interpretado socialmente.

Hormônios, bloqueadores, cirurgias e próteses possibilitaram a experimentação de ter um corpo distinto daquele que antes era determinado pelas limitações biológicas e que antes eram experimentadas através da performance ao invés da alteração da biologia corporal.

Esta tese já foi explorada por hackers como Paul Preciado. Por isso eu gostaria de adicionar o elemento da consciência a esta discussão. Os fármacos nos permitem projetar nosso corpo para além dos limites da biologia, através do hack em nosso corpo. Onde então projetamos nossa consciência para além dos limites do corpo e da mente?

Projetar a consciência para além de si não é algo novo na humanidade, a arte é um ótimo exemplo de como conseguimos nos colocar para fora de nós mesmos materializando nossa consciência em uma obra. No entanto, o advento mais recente da internet ampliou as possibilidades para muito além do que antes era possível.

A consciência virtualizada que a internet proporciona permite que as pessoas vivam mais através das redes do que da vida real, a materialidade. Não é incomum ver pessoas passando mais tempo no computador ou em seus celulares do que em atividades fora dela, seja por opção ou por trabalho explorado. Por mais que isso soe como um problema, dado que a internet está tomada pelos algoritmos *cybercapitalistas*, neste capítulo eu gostaria de explorar os potenciais de hacking mental nisso.

Subjetivar-se pela internet possibilita algo interessante para o advento do ciborgue. **A internet é um lugar em que a consciência existe fora do corpo.**

Ao entrar na internet, no mundo virtual, você não precisa mais seguir as premissas da realidade, neste momento a sua consciência está livre para explorar-se fora de como a realidade se apresenta. Um exemplo disso é que o gênero atribuído no nascimento não precisa estar em acordo com o gênero escolhido no mundo virtual.

Nesse sentido, o mundo virtual é a experimentação da consciência para além dos limites do corpo material, enquanto os fármacos e próteses são os meios pelo qual a consciência pode experimentar essas mudanças fora do mundo virtual.

Hoje nossas consciências e subjetividades são cada vez mais *cybersubjetividades*, cada vez mais estamos nos conhecendo e reconhecendo em um mundo em que gênero, nome, idade fazem menos sentido do que avatares, chats de voz e texto, stories e posts, por onde ocorre a socialização nas redes.

Estamos todos nos *cybersubjetivando* cada vez mais. Abrimos a possibilidade de viver vidas em que premissas como gênero, nome designado no nascimento, imagem ou aparência corporal se pulverizam para dar lugar a outras lógicas. Lógicas de uma visão de mundo transgenerificada e menos cisgenerificada.

Mais uma vez, nós ciborgues somos filhos da internet e da indústria farmacêutica, somos consequência direta da cyberificação e farmacologização do capitalismo. A consequência do mundo que estamos criando são *transciborgues*, como num mundo cyberpunk. No entanto, somos filhos bastardos do sistema, o sistema odeia sua criação pois sabe que nós também somos o seu fim, o fim do humano e o início do transumanismo, dos ciborgues. O fim do gênero, o fim da sexualidade generocentrada, o fim da cisheteronormatividade, do *tecnopatriarcado*, o fim do capitalismo. Somos *cyberhackers*.

Manifesto Ciborgue II: Ciborgues e o não-binarismo

“O principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis.”

- Donna Haraway, Manifesto Ciborgue (1985)

Já somos ciborgues. Poucas previsões foram tão certeiras quanto a do mito do ciborgue que Donna Haraway colocou em manifesto. Mas teria ela previsto? Ou apenas olhou o presente? A maioria das boas ‘previsões’ são feitas olhando o presente e encontrando as dinâmicas e dispositivos que garantem o funcionamento do sistema e imaginar um mundo em que esses dispositivos se consolidam sem as barreiras que hoje lhes estão impostas.

É assim que nasce o cyberpunk, é assim que nasce o ciborgue, é assim que nasceu seu manifesto e é assim que nós nascemos. O binário humano x máquina, natureza x técnica não está mais em oposição como antigamente, agora já se fundem e criam os ciborgues, como disse Donna Haraway em nosso manifesto: *“Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes.”*

Se o que nos impedia de nos tornarmos ciborgues e não-humanos era nosso medo de nos fundirmos às máquinas e a nossa tecnologia, esse medo não só não mais existe, como também é o que venho tentando dizer ao longo deste livro: **Isso já acontece e sempre aconteceu.**

O que somos hoje é produto dos nossos dispositivos e tecnologias. Como seres ciborgues, programamos coletivamente nosso algoritmo para sermos o que queremos ser e criamos dispositivos tangíveis e intangíveis para que essas coisas funcionem: verdade, memória, gênero, leis, religião, moral. O problema começa quando essas tecnologias e dispositivos estão concentrados na mão de poucos.

Ser ciborgue é a compreensão de como funcionamos e levar isso às últimas consequências, hackeando seus algoritmos através de próteses, engenharia genética, esteroides, hormônios, entorpecentes e qualquer estímulo que possa servir para a auto-modificação do seu ser, seja em como sentir ou como interagir com o mundo.

Então eu questiono: se somos a fusão de nós com nós mesmos em forma de técnica. Por que escolher nos transformarmos em lógicas tão limitadas como o binário, ou um trabalhador explorado, ou uma mulher submissa a um marido, ou um ser aprisionado numa jaula institucional assinada pelo estado como o casamento?

É claro que não é tão simples ao ponto de reduzir isso a escolhas individuais, isso seria apenas neoliberalismo. No entanto, é uma escolha coletiva não mudarmos. Estamos programados para fazermos essa escolha ao sermos tirados a visão de futuro e energia

para qualquer outra escolha pelos dispositivos e tecnologias do poder que produziram o realismo capitalista.

Este é o princípio básico da filosofia de hackear a mente: nós, coletivamente, escolhemos não escolher. Se nos é dado somente a opção de escolher esse sistema, então não escolhemos, seremos a não-decisão, nem 0 e nem 1, seremos o não-binário.

Coletivamente não escolher nesse cenário é como uma greve, decidimos parar as engrenagens do sistema. Ser não-binário é uma greve geral diária contra o sistema de gênero, contra o sistema simbólico que o produz, que é a base de reprodução de mão-de-obra para o *cybercapitalismo* através do controle dos corpos para reproduzir pessoas para trabalharem exploradas para bilionários.

Decidimos subverter a lógica através da desidentificação com o gênero, com o sistema econômico e suas ficções de sonhos vendidos para os usuários iludidos; e da desidentificação com a verdade, com a memória e com o conceito de humanidade.

Somos também não-humanos, somos ciborgues transhumanistas queer, usaremos a tecnologia para hackear nossos corpos e parar o processo de gestação do binarismo e da lógica de maximização de lucros. Travando a reprodução, não há produção de lucros e é por isso que vocês nos odeiam.

Enquanto isso, gestaremos um novo mundo através de novas lógicas e tecnologias. Daremos luz às novas formas de existir e vivências no tempo que vocês nos tiraram e recuperaremos resistindo.

Afinal, suas tecnologias estão travadas nas próprias lógicas que vocês criaram, pois elas nos criaram e vocês marginalizam as únicas pessoas capazes de continuar a transformação.

O binarismo é incapaz de criar tecnologias de generificação além do binário. Toda mudança corporal, todo hack da mente ou do corpo dentro do binário é feito para tornar-se mais e mais binário. Harmonizações faciais para tornar-se mais homem, próteses para tornar-se mais mulher, olhos claros para tornarem-se mais brancos. Você não se envergonham?

O *tecnopatriarcado* é o sistema em que a dominância do homem branco cis se afirma através da técnica e tecnologia, isolando outros corpos delas. Como afirmou Preciado, no neopatriarcado farmacopornográfico as tecnologias e técnicas de modificação corporal e reprodução estão dominadas e monopolizadas pelo homem cishétero branco, e depois pela sua versão feminina. Este é o último bastião contra a não-binariiedade e os ciborgues.

Cientes de que o único propósito da existência heterossexual é a reprodução, eles nos tiram as tecnologias para reproduzir, nos tiram as tecnologias para hackearmos/modificarmos nossos corpos enquanto eles usam para reproduzir estereótipos binários de gênero e tecnoracismo.

Aqui assino o manifesto ciborgue, o manifesto contrassexual, o manifesto hacker de Donna Haraway, de Preciado e de McKenzie Wark e faço também o manifesto *transciborgue* hacker queer. Sejamos hackers de nossos corpos, hackers de nossas mentes, iremos modificar nossos corpos e reproduzir através das neotecnologias.

Nos apropriamos das tecnologias existentes e utilizemos ela para alcançar nossos desejos, sonhos e prazeres. Assim produziremos novas tecnologias para ir além do binário, além da maximização do lucro, em que a vida possa se realizar sem os entraves de bilionários megalomaniacos ou de moralismo cishétero judaico-cristão.

Cisgenereidade é compulsória. A realidade material é ciborgue. Sejamos não-binários, sejamos não-humanos, sejamos transhumanos, sejamos ciborgues, sejamos hackers.

"If a body can come from us, we are our own masters"

-Bladerunner 2049

O capitalismo se torna cyber

"[...] Mas na era pós-fordista, quando a linha de montagem transforma-se em 'fluxo de informação', é comunicando que se trabalha. Conforme ensina Norbert Wiener, comunicação e controle se envolvem.

O trabalho e a vida tornam-se inseparáveis."

- "Realismo Capitalista". Mark Fisher

Espero que esteja animado com a nova realidade de sermos ciborgue, colega, porque por mais que isso possa parecer assustador, pode ser também muito libertador. Esta dinâmica, produzida pelo capitalismo, numa tentativa desenfreada de acelerar o fluxo de capital e controlar nossos corpos para nos tornarmos seres mais eficientes, nos faz fundir às nossas técnicas e nos transforma em ciborgues.

A necessidade da fusão da técnica vem da premissa capitalista de que precisamos reduzir esforços, de que ao negarmos as limitações impostas pela realidade através da técnica, podemos diminuir tempo para alcançar necessidades - artificiais ou não - e assim termos mais tempo. Tempo este, que será apropriado pelo capitalismo na forma de mais-valor e não nos retornará como mais tempo para ócio, como teorias econômicas já explicaram antes, mas que não é nosso foco agora.

Nosso foco é entender como o modo de produção de sobrevivência e existência - baseado na propriedade privada e exploração do trabalho assalariado, buscando maximização do lucro do dono da propriedade - tornou-se a forma que chamei de *Cybercapitalismo*.

Cybercapitalismo é o sistema capitalista fundido com as lógicas virtuais: tecnologia, binarismo e virtual, e assim passa a produzir *cybersubjetividades* em função de expandir seu controle sobre as subjetividades.

O Capitalismo é o sistema capaz de chegar nesse passo, por conta de sua lógica alienante e da lógica da mercadoria. Um mundo em que as pessoas vivem a vida em função do trabalho, lhes resta pouco tempo para entender o mundo. **A falta de tempo destroi o sonho de um sistema de crenças baseado em método que possa ser massificado.** A averiguação científica como se pretendia para se construir subjetividades autônomas capazes de tomar decisões naquilo que os iluministas acreditam ser a 'Verdade' não é possível no modo de produção capitalista.

Ao invés disso, um sistema hierarquizado e avesso às consequências do estímulo ao pensamento crítico produziu uma lógica de construção de **subjetividades baseada na hipervelocidade da informação** e a massificação dela através da indústria cultural e, agora também, das redes do ciberespaço, como exploramos no capítulo em que falamos do mundo virtual. Este movimento foi potencializado na pandemia do Covid quando fomos forçados a entrar nas redes para nos mantermos conectados.

A própria lógica capitalista propicia as condições para a alienação e, consequentemente, a virtualização do mundo. Não obstante, a lógica binária que fundamenta a lógica de organização dos corpos também é fundamental para a organização desse sistema. Uma vez que a mão-de-obra que abastece o capitalismo é criada na reprodução humana, que, inicialmente, antes da técnica, só poderia ocorrer a partir de uma relação cisheterossexual.

Organizar corpos de forma heterossexual, separada em somente dois gêneros e em relações monogâmicas fundamenta a lógica necessária para que a reprodução da mão-de-obra e a passagem da propriedade privada por meio da herança ocorra dentro do sistema capitalista sem ameaçar o poder dos capitalistas, que hoje são os bilionários e futuramente serão os trilionários.

As tecnologias para controle e de poder se tornam cada vez mais fundamentais para a formação do *cybercapitalismo*, uma vez que toda tecnologia é apropriada por este sistema para monetizar, ou seja, entrar na lógica mercadológica de produzir lucro e maximizá-lo.

Isso é expresso pela própria lei da mercadoria no modo de produção capitalista. O valor a ser maximizado neste modo de produção é o valor de troca, ou seja, do tempo médio socialmente necessário para produzir algo útil socialmente. Uma vez que o mundo físico impõe barreiras à eficiência e ao tempo do deslocamento e distribuição da mercadoria, o mundo virtual se mostra com um grande potencial para acelerar a velocidade das transações econômicas entre mercadorias, no caso o dinheiro e o que será consumido, diminuindo o tempo socialmente necessário para transações econômicas, ou seja, para o fluxo do capital.

A lógica da mercadoria tende a virtualizar as transações econômicas e, consequentemente, as relações humanas que estão mediadas por elas no modo de produção e reprodução da vida. Desta maneira, as relações de trabalho, de afeto, de protesto e resistência e qualquer outra tendem a serem virtualizadas junto com as relações de produção e distribuição da mercadoria.

O *cybercapitalismo* é a consequência direta do capitalismo tardio fundido ao advento da internet e redes virtuais. Um sistema alienante, contrário ao senso crítico e dependente do binarismo e das tecnologias de controle. Esta nova forma do capitalismo reforça e retroalimenta uma lógica de virtualização e binarização das coisas, produzindo um outro mundo onde se decide e age através da internet, longe das premissas da realidade material capazes de limitar a expansão dos lucros/capitais. A internet torna-se um espelho dessa consciência *cybercapitalista*, colocando nas premissas desse mundo virtual as suas premissas basilares: Lucrar e reproduzir corpos produtores. Assim, a internet torna-se refém do Capital e não o Capital refém da internet, o vetorialismo, proposto por Mckenzie, e o *cybercapitalismo* se fundem e não se submetem um ao outro.

No entanto, o mundo virtual apresenta uma complexidade para a lógica de propriedade do Capital. Como McKenzie Wark bem explorou: “A terra tem uma forma finita e particular, o Capital tem formas finitas, mas universais, a informação é infinita e universal em seu potencial”. A propriedade no *cybercapitalismo* assume uma forma abstrata, sendo a informação essa forma abstrata que passa a ser delimitada através de formas arbitrárias de definir o que é uma propriedade no mundo virtual.

Nós, *cyberhackers*, na medida que nos tornamos conscientes da virtualização das coisas, passamos a nos apropriar desse espaço de maneira consciente. Nosso papel, como hackers, é libertar a informação da propriedade privada e da classe que a privatiza para lucrar sobre ela. Lutar pela livre circulação da informação no *cybercapitalismo*, sem que haja um dono sobre ela, é lutar contra a propriedade privada no mundo virtual. **Uma internet livre significa uma internet sem dono das informações e da produção dela. Uma internet OpenSource e descentralizada.**

“A abstração da propriedade chega ao ponto em que exige uma abstração da propriedade. A história se torna história dos hackers quando os hackers percebem que esse momento já chegou.”

- Manifesto Hacker, Mckenzie Wark

Realidade Farmacovirtual

Hoje vivemos num mundo *farmacovirtual*.

O que um dia conhecemos como mundo contemporâneo foi a solidificação da sociedade baseada nas premissas da ciência e racionalidade. Estas duas premissas juntas nos levaram a constituir tecnologias como a física, a biologia, a química, a história e diversas outras técnicas de produção de saber com o objetivo de desvendar o funcionamento do universo, do ser humano, do tempo e do espaço. A materialização dessas tecnologias é vista no dia a dia: a história pelas narrativas nacionais materializadas no Estado; a física materializada nos nanochips; e a biologia e a química materializadas nos fármacos produzidos pela indústria farmacêutica.

Enquanto a física ocupa-se de decompor o espaço e o movimento e a história de decompor o tempo humano, a química e a biologia preocupam-se em decompor a vida e a forma pela qual o universo interage consigo mesmo no nível molecular e atômico. A química, principalmente a orgânica, constitui-se como a ciência que irá produzir a tecnologia de compreensão de como decompor o universo ao seu nível mais microscópico possível para assim ser capaz de desfazê-lo e refazê-lo como num lego ou quebra-cabeça molecular e atômico. A materialização desse saber, como já dito, são os fármacos.

Os fármacos são o produto da materialização da química como tecnologia para, através de interações a nível molecular e atômico, modificar as propriedades do nosso próprio corpo para uma determinada finalidade.

Inicialmente sob o discurso de combater a doença, mas não encerrando-se aí, os fármacos constituem parte importante da sociedade moderna. São eles que nos curam dos sintomas que nos tornam improdutivos, ou doentes, e que nos ajudam a controlar a natalidade pelos

anticoncepcionais. O milagre da química constitui-se na possibilidade de alcançar novas capacidades orgânicas através dos fármacos. Num mundo *cybercapitalista* de aceleração constante, essa propriedade se torna particularmente muito útil para acelerar os corpos.

Por ser uma tecnologia, a química em sua forma material farmacológica é produzida para finalidades exigidas pelas relações sociais. O anticoncepcional não nasceu antes da necessidade do controle da natalidade, assim como um psicotrópico não existe antes da necessidade de anestesiar uma forma de sentir que não se encaixa na sociedade. Tal percepção nos faz questionar quais potencialidades dessa técnica de saber se encontram limitadas pelos limites das relações sociais *cybercapitalistas*. Na prática, os fármacos se tornaram a manipulação da técnica de modificação orgânica para nos fazer pensar e sentir numa forma que não nos deixe improdutivos. Pessoas não funcionais para o sistema são medicadas com mecanismos de aumentar suas performances. Os químicos nos tornam capazes de produzir dentro de um sistema de aceleração e docilização dos corpos.

A este mundo foi acrescentado, a virtualidade, originando-se um mundo não só pautado nos frutos da ciência, mas também da virtualização da vida humana. Enquanto a química é a tecnologia que busca construir um mundo orgânico em que somos capazes de refazer as premissas orgânicas da materialidade, a internet é a tecnologia em que se constitui um mundo em que as premissas da materialidade tendem a não importar, uma vez que o mundo virtual é constituído pelas premissas definidas pelos códigos.

Nesse sentido, tanto a química quanto a internet buscam constituir as possibilidades da emancipação do que achávamos ser a natureza. A primeira, como tecnologia do saber, nos possibilita reorganizar molecularmente e atomicamente as coisas para modificar nossa organicidade para finalidades arbitrariamente desejadas por quem controla e produz essa tecnologia. A segunda, a internet, como virtualização da consciência, nos possibilita experienciar a realidade de forma a existir fora das limitações orgânicas dos nossos corpos, uma vez que na internet somos apenas os dados que decidimos transmitir em códigos, assim como nos códigos genéticos dos DNAs ou da organização dos átomos, são esses os códigos que nos formam no mundo virtual.

Nos encontramos em uma realidade *farmacovirtual*, em que nossa subjetividade cada vez mais é ciborgue, seja através dos fármacos agindo em nossos corpos, seja através da virtualização da consciência. No entanto, essas tecnologias podendo agir arbitrariamente sob premissas socialmente definidas, acabam por ser capturadas pelas lógicas do sistema produtivo *cybercapitalista* em que vivemos. Desenvolvemos várias tecnologias ao longo do tempo, mas porque vivemos numa lógica de produção de estar sempre gerando lucro, deixamos que essas tecnologias sejam apropriadas pelo **Cistema** para funcionar para finalidades de torná-lo mais produtivo. Tal é a tragédia da realidade *farmacovirtual*.

Porém, os impactos da *farmacovirtualidade* são também marginais. Subvertendo os fármacos para outras finalidades diferentes de tornarem-se produtivos e férteis, transgêneros e transhumanos vão contra a intencionalidade do controle da natalidade, dos corpos ou da produção do uso pretendido pelas tecnologias farmacovirtuais.

Pessoas queers são a materialização da contradição criada pelo *cybercapitalismo farmacovirtual*, criados e subvertidos por ela. No entanto, o drama permanece na medida em que a química e a internet são usadas cada vez mais para garantir o funcionamento do

Cistema e remediar os sintomas insuportáveis dele enquanto essas tecnologias poderiam estar servindo para finalidades completamente distintas, buscando atender as necessidades das pessoas.

Transhackers são aqueles que compreendem essa dinâmica. Entendem que o uso da técnica dos fármacos não deve ser limitado a produzir modificações corporais somente para a finalidade da produção *cybercapitalista*, mas sim para construir novas formas de existir, assim como é possível experienciar essas formas virtualmente nos avatares da internet ou perfis de redes sociais, que poderiam ser menos condicionados por algoritmos mercadológicos e mais por algoritmos fundamentados em aumentar a cooperação comunitária ao invés do consumo.

Se a realidade já é *farmacovirtual*, então a única saída é que essas tecnologias passem para as mãos daqueles que buscam finalidades para além do binário e da maximização do lucro. Só assim seremos capazes de explorar as verdadeiras potencialidades da *farmacovirtualização* ao invés de sermos submetidos a ela. Para um dia podermos modificar nossos corpos e nossa consciência para além das limitações que uma vez acreditávamos ser naturais.

É nas mãos dos hackers que criaremos as novas formas de existir.

O espelho chamado internet

Se você fosse um deus capaz de criar o universo do zero, como decidiria fazer este universo?

A internet é um caso interessante em que a humanidade criou um mundo em que as premissas da realidade não operariam nela. No mundo virtual, a gravidade, ou o calor e o frio não são premissas que existem sob seus avatares, seus cursores e decisões. As premissas que estabeleceram o mundo virtual foram, em primeiro momento, as limitações técnicas das capacidades e velocidade do processamento de dados que vão sendo superadas à medida que o desenvolvimento do mundo virtual ocorre.

É curioso pensar na internet como o lugar em que podemos produzir um mundo do zero (e um). Criamos a lógica dela a partir de como nós operamos nosso mundo. Assim, este mundo só poderia se tornar um espelho da forma que nós organizamos o mundo real.

Se a internet era no início um terreno para ser explorado como já foram as Américas para os europeus ou o espaço para os soviéticos e estadunidenses, agora ela é para a humanidade esse novo lugar a ser explorado. Porém, no campo virtual, as premissas de seu funcionamento são criadas por nós mesmos, diferentemente das explorações anteriores.

Sob essa lógica, criamos as premissas que desejávamos como este sistema virtual deveria operar, colocamos lógicas que dizem menos sobre a internet e falam mais sobre nós, afinal as redes virtuais nada mais são do que os espelhos das lógicas que nós produzimos e reproduzimos fora delas.

Olhar para a internet e o que ela vem se tornando é olhar para um espelho das lógicas que permeiam o mundo, se hoje a internet é dominada por big techs, serviços pseudogratis monetizados, ads espalhados por todo canto e timelines jogando informações ficcionais desenfreadamente para você, então é porque nosso mundo também já opera sob essas lógicas. A diferença é que o mundo real ainda é limitado pelas premissas da realidade, enquanto a internet consegue superar algumas dessas restrições digitalmente.

A internet poderia ser qualquer coisa.

Tornou-se um mar de redes sociais de big techs monetizando nossos dados, nossos algoritmos e nossas subjetividades. Nos tornamos escravos do mundo que nós mesmos criamos, simplesmente porque criamos um espelho do mundo que já nos escraviza para nos monetizar como trabalhadores, consumidores e seres sexuais.

Nós hackers precisamos hackear os algoritmos online e offline, porque as lógicas que permeiam o sistema da internet são as mesmas lógicas que permeiam nosso mundo material. E, como desejamos uma internet livre, descentralizada e que incentive a cooperação, precisamos atuar tanto na realidade quanto em seu espelho produzindo ciberespaços que se contrapõem à centralização da internet. Assim, poderemos encontrar o real potencial da internet e do mundo virtual, libertando as linguagens da lógicas limitantes do *cybercapitalismo tecnopatriarcal tecnoracista* e do vitorialismo.

Cyberusuário

O ciberespaço, a internet, apropriado pelo Capital transformou-se na forma e expressão da representação da classe dominante, que McKenzie Wark definiu como classe vitorialista e que aqui tenho chamado de *cyberburguesia* ou *cybercapitalista*. A reflexão de McKenzie sugere que essa classe se apropria do trabalho dos Hackers, a classe que produz abstrações, incluindo a da linguagem que produz o ciberespaço, para vitorializar essas abstrações e todos os dados e informações produzidas por elas em função de usar a privatização desses fluxos para acúmulo de capital e controle sobre outras classes.

Esse fenômeno pode ser percebido através da linguagem que é utilizada na produção do ciberespaço dentro da lógica *cybercapitalista*. A separação binária entre usuário e hacker, feita pelas dinâmicas capitalistas de produção do ciberespaço é a forma que conduz o discurso de uma produção da internet de agenciamento passivo.

O usuário é aquele que é colocado numa esteira, seu papel é ser conduzido pela interface para realizar uma determinada tarefa proposta pela própria interface. O usuário é sempre um risco, um risco de hackear a interface, de não seguir o exercício proposto, de não ser ciberdisciplinado. O usuário sempre tem o potencial de hackear a proposta da interface. No *cybercapitalismo*, a diferenciação, a ramificação, a multiplicidade é sempre vista como risco e não potência, pois a finalidade é determinada e fechada, não livre para hackear e produzir.

Por outro lado, o usuário pode ser contido. Na lógica *cybercapitalista*, a produção da interface é sempre feita para diminuir o risco e conter o usuário. As telas, os campos de digitação para transmissão de informação, os menus ou timelines, as fontes, as cores, tudo

ali pode ser feito e pensado para enclausurar o usuário no pretendido por quem produz a interface, criando uma dinâmica claustrofóbica da virtualidade. A interface pode aprisionar mas também pode libertar, porém não sob as mesmas lógicas.

O *Cyberusuário* existe em oposição ao *cyberhacker*. O hacker é aquele que abstrai, mas também desabstrai e refaz a abstração diferentemente, podendo reconstituir as formas como as relações das relações (a interface) se fazem, ou seja, podendo modificar a forma de se relacionar com o ciberespaço. Enquanto isso, o *Cyberusuário* é a subjetividade do agenciamento passivo, tendo perdido sua capacidade de abstração e desabstração, seja porque nunca teve essa capacidade ou porque desistiu dela, o usuário aceita ser conduzido pelas interfaces, ele se torna parte do fluxo de informação e dados até que se torne descartável e sua informação esteja disposta nesses fluxos sem que ele tenha mais controle algum sobre seus dados e seu fluxo.

É preocupante que a internet capitalista tenha produzido, na linguagem, essa distinção entre usuário e quem produz o ciberespaço, materializando isso num mundo virtual produzido por terceiros e não por quem realmente o usa (o usuário). Somente numa lógica de exploração do ciberespaço é possível que a dinâmica do espaço seja a de colocar quem o utiliza como agente passivo desse espaço e não produtor dele.

Uma internet livre é uma internet de hackers, em que os meios de produção do ciberespaço são de todos os usuários, em que não há essa separação binária entre quem faz a internet e quem a usa. Em que, de forma coletiva, a produção da comunicação e seus fluxos de dados e informação são produzidos comunitariamente para atender as necessidades das pessoas.

Retomar os meios de produção do ciberespaço é destruir essa separação entre *cyberusuário* e *cyberhacker*, por isso é importante colocarmos as tecnologias de subjetivação em função de que as pessoas busquem subverter as interfaces, em que se apropriem delas e não sejam apropriados por elas.

Nosso papel como *cyberhackers* é criar interfaces que sejam hakeáveis, que convidem os *cyberusuários* a tomarem os meios de produção desse espaço, saindo desse lugar de agenciamento passivo para um agenciamento ativo. Isso pode ser feito através da internet, mas também pode ser feito na escrita, na música, na arte em geral, nas nossas comunidades, enfim em qualquer lugar que possamos participar.

Por uma internet sem usuários, sem vетorialistas, por uma internet em que a linguagem da sua produção não represente uma separação entre quem faz e quem é feito. Por uma internet de *cyberhackers*!

Tecnopatriarcado em spree

“No neopatriarcado farmacopornográfico, a hegemonia do corpo heterossexual branco é válido e sua histórica superioridade ontoteológica são reforçadas por seu acesso prioritário aos dispositivos científico-técnicos de reprodução. Assim, o corpo heterossexual é o único que tem acesso legal ao mercado da reprodução assistida. Produz-se assim uma inesperada aliança entre os discursos ancestrais de corte mítico-religioso, as linguagens coloniais e biopolíticas modernas e a bioinformática da reprodução”

- Um apartamento em Urano, Paul Preciado.

O início do século XXI é marcado por discussões constantes sobre o modo de reprodução no capitalismo. Se antes o que estava em xeque era o modo de produção e, ao vencer a guerra fria, o capitalismo se corou vencedor como o melhor sistema para produzir nossa sobrevivência, o mesmo não pode ser dito para o modo de reprodução.

Avanços dos movimentos queers, das mulheres pelo feminismo somados ao advento da indústria farmacêutica e anticoncepcionais causou uma revolução nas lógicas de reprodução. O que representou liberdade sexual, autonomia corporal e maior participação nas dinâmicas afetivas da sociedade para pessoas não-cishétero (queers) e mulheres, para o capitalismo representou um freio contra o aumento crescente da mão-de-obra e mercado consumidor proporcionado pelas dinâmicas de reprodução cisheteronormativas não-farmacológicas.

As primeiras décadas do século XXI se mostraram que a luta política anticapitalista deste século ocorrerá nas fronteiras dos corpos e da sexualidade, esta se apresenta no momento como a maior ameaça à expansão das margens de lucros de bilionários e acionistas gananciosos e os Estados nacionais em seu serviço para realizar seus interesses.

A materialização é visível na organização dos movimentos neoconservadores em avançar sobre os corpos com útero e corpos queers, uma vez que estes impõem uma greve ao decidirem controlar a lógica da reprodução dos corpos a partir das novas tecnologias farmacológicas.

Os corpos que se tornam inférteis e improdutivos são o terror daqueles que não aceitam romper com as bases do *cybercapitalismo*. Mais do que isso, seu maior medo é que estes corpos possam se tornar férteis sem dependerem de se submeterem às lógicas da cisheteronormatividade.

É neste momento que os ciborgues se tornam o maior inimigo do tecnopatriarcado, pois fundidos na técnica, somos capazes de nos tornarmos inférteis e improdutivos mas também somos capazes de nos tornar férteis e produtivos. Uma vez que a reprodução em laboratório é possível sem a necessidade da fusão entre um corpo com útero e outro com próstata, a cisheteronormatividade não tem mais uma justificativa para existir nem para ela mesma.

O ciborgue é a maior ameaça ao pacto de gênero, ao *tecnopatriarcado* e o *cybercapitalismo*, ao mesmo tempo que ele é a realização deste todos. Em desespero, o *tecnopatriarcado* tem se organizado para proibir que pessoas trans possam se hormonizar,

que os médicos sejam cada vez mais regulados, que as mulheres percam seus direitos conquistados sobre o aborto e que pessoas queer não tenham o direito à reprodução tecnológica fora da cisheteronormatividade.

O *tecnopatriarcado* está enraivecido. E isso é uma vitória nossa.

Porém, o que vemos é somente o chamado para a guerra. A fachada das democracias liberais como fonte de conquista de direitos e garantia caiu. O *tecnopatriarcado cybercapitalista* está acionando todas as suas forças para manter seu monopólio sobre as tecnologias de generificação e de reprodução. A cisgenereidade tem mostrado seu caráter compulsório através do Estado agora que tem falhado pelas dinâmicas do conservadorismo familiar.

Não deixemos as barricadas caírem, nossos corpos agora são as novas barricadas desse mundo e, enquanto espaço político, nós devemos manter esta greve para resistir e garantir direitos à reprodução e autonomia corporal para corpos queers e corpos com útero. Faremos isso desenvolvendo as tecnologias que constroem nossos corpos e democratizando elas. A oposição ao *tecnopatriarcado* é a democratização dessas tecnologias: esta é nossa ferramenta para encerrar esse sistema moribundo.

Somos algoritmos

“As estratégias de controle serão formuladas em termos de taxas, custos de restrição, graus de liberdade. Os seres humanos, da mesma forma que qualquer outro componente ou subsistema, deverão ser situados em uma arquitetura de sistema cujos modos de operação básicos serão probabilísticos, estatísticos. Nenhum objeto, nenhum espaço, nenhum corpo é, em si, sagrado; qualquer componente pode entrar em uma relação de interface com qualquer outro desde que se possa construir o padrão e o código apropriados, que sejam capazes de processar sinais por meio de uma linguagem comum.”

- Donna Haraway, Manifesto Ciborgue (1985)

Uma das grandes questões que a filosofia se debruçou ao longo de toda história é: O que nos define como humanos? Qual é a natureza humana? As respostas dadas ao longo do tempo são tão diversas e contraditórias entre si como dizer que a natureza do homem é má ou que o homem nasce bom, que tudo nos leva a crer que essa resposta é só mais um dos dispositivos inventados para nos programarmos.

É lógico dizer que as respostas dadas são apenas conclusões feitas por pessoas de seu tempo. Essas respostas foram dadas por Hackers, que assim como eu e você, buscavam expandir as fronteiras mentais para reprogramar o coletivo e o subjetivo para produzir novas subjetividades, levando a um novo projeto político de mundo.

É inegável que este dispositivo funciona, a resposta que as pessoas dão para o que elas acreditam ser a natureza humana diz muito sobre as crenças que elas usarão para conduzir as decisões delas. O movimento Iluminista, por exemplo, criou a natureza do homem racional e com isso seu projeto político ao consolidar-se produziu os efeitos na sociedade de tornar o racionalismo o paradigma dominante de produção de verdades.

O problema central dessa questão é que para dizermos qual é nossa natureza, teríamos de tomar consciência do que é um ser humano em todas as possibilidades temporais e espaciais. No entanto, nós já cometemos epistemicídios suficientes para sabermos que destruímos a possibilidade de conhecer todas as possibilidades de existência humana.

Isso quer dizer que o dispositivo da ‘Natureza humana’ está fadado ao fracasso? Obviamente não, uma vez que a finalidade dessa pergunta não é responder esta pergunta, mas sim servir como uma crença basilar para tomadas de decisões e projetos sociais, políticos e econômicos. A ‘natureza humana’ é mais uma das tecnologias de poder.

É necessário hackear também esse dispositivo e encontrar nele uma forma de transformar essa ficção de natureza em uma que possibilite colocar nós hackers no centro da produção de nossa *cybersubjetividade*.

No entanto, seria absurdo inventarmos uma ‘natureza humana’ - mesmo que esta já seja sempre inventada - sem lastro algum na realidade, afinal dispositivos dependem da materialidade para serem legitimados na mente humana através da repetição pelas tecnologias do poder e das redes e sistemas que fluem os algoritmos para nós.

Qual será a natureza humana então?

A resposta para isso implica nas premissas de: (I) sempre ser uma resposta dada por pessoas de seu tempo e, portanto, sempre a partir das lógicas e dispositivos do contexto histórico; e (II) a premissa de que para respondermos essa pergunta temos de imaginar uma essência presente em todos os seres humanos independente de tempo e espaço.

Lhe pergunto onde poderíamos encontrar esses dados sobre a humanidade em nosso contexto histórico? Onde mais estaríamos guardando todos os dados de cada pessoa dia após dia e de todos seus comportamentos, transformando-os em células de tabelas identificadas por códigos únicos de série que o definem como consumidor-humano?

A big data das big techs são as novas detentoras do conhecimento sobre o ser humano, cada passo, cada fala e, em breve, cada pensamento nosso está sendo rastreado e armazenado nos microchips dos hardwares e se virtualizando em gigantescas bases de dados sobre nós mesmos.

Esses dados, processados dia após dia, são colocados em sistemas complexos de algoritmos para serem interpretados e vomitar a sua identidade a partir daquilo que o *cybercapitalismo* entende que deve ser a sua ‘persona’ ou o mais próximo dela. E se você não se encaixar, você será programado até encaixar-se nas personas possíveis.

Se hoje temos uma natureza, é de que nos tornamos nossos algoritmos, nossas particularidades e singularidades foram reduzidas a dados que podem ser padronizados para nos serem entregues em nossas telas com as identidades que os algoritmos escolheram nos dar. A ilusão da escolha é achar que podemos manipular nossos algoritmos com nossos likes e dislikes, como se isso também não fosse uma das premissas da lógica do algoritmo.

Sem dúvida é angustiante. Tomam nossos dados, nos transformam em células, em tabelas e tomam decisões sobre nossas vidas a partir de gráficos onde as subjetividades são

espremidas em números e que, não distante, serão automatizados para darem ‘outputs’ de decisão a partir de uma inteligência artificial capaz de entender esses dados.

As big techs e os Estados usam desses artifícios para nos controlar, para nos dar comandos enquanto achamos sermos nós exercendo nossa autonomia e aquilo que nos faz únicos.

Mas não se conforme, colega, nós somos hackers e se nos tornamos algoritmos, se podemos ser programados então também podemos programar-nos. Nós sempre fomos algoritmos: um sistema complexo dando respostas para problemas complexos para nos mantermos existindo.

O que a natureza entendeu é que a melhor forma de a vida sobreviver ao universo não é seguindo um sistema restrito, altamente controlado e ordenado pouco mutável. A vida permanece na medida que ela se adapta e se transforma, na medida em que a mutação, a diferenciação, é possível com radicalidade.

O algoritmo da vida nos presenteou com a capacidade infinita de mudar-nos a si próprios ao ponto de termos a autonomia de até mesmo tirar a própria vida. Por mais paradoxal que isso seja, a capacidade de tirar a própria vida está sob o mesmo princípio que permite a continuação da existência da vida: a capacidade de quebrar regras sejam quais forem (naturais, sociais, políticas etc).

Se este é o nosso algoritmo, então não temo as big techs e o Estado *cybercapitalista*, pois sempre podemos mudar. Pelo contrário, me aproponho de suas tecnologias para hackear meus algoritmos que me produzem, se esta é natureza de nosso tempo, então sejamos algoritmos que nós mesmos programamos criando nossos dispositivos e hackeando os dos *tecnopatriarcas* ou os dispositivos a serviço da maximização dos lucros para assim construirmos nossas próprias não-personas e nos apropriarmos de nossas *cybersubjetividades*, saindo dos desejos da classe *cyberburguesa* vetorialista.

“A classe vetorialista transmite por toda parte, através dos vetores da telestesia, infinitas imagens de objetos de desejo. A telestesia substitui o objeto do desejo por sua imagem, uma imagem que pode ser anexada a qualquer objeto, quer queira quer não.”

- McKenzie Wark, Um manifesto hacker

Barricadas não-binárias

“Hackear é recusar representação, fazer com que as coisas se expressem de outra forma. Hackear é sempre produzir a estranha diferença na produção da informação. Hackear é perturbar o objeto ou o sujeito, transformando de alguma forma o próprio processo de produção pelo qual os objetos e sujeitos passam a existir e se reconhecem por suas representações. O hack toca o irrepresentável, o real.”

- Mckenzie Wark, Um Manifesto hacker,

O lado de cá das barricadas é o espaço onde se constroi um novo mundo, enquanto o lado de lá quer destruir as formas de existências que este novo mundo pode criar.

O corpo é a nossa primeira barricada para o mundo. Se o mundo em que vivemos busca se apossar de tudo em função da sua lógica hostil e universalista, nosso corpo é o primeiro e último lugar de resistência em toda circunstância. É dentro dele que guardamos os dados que eles não conseguem nos tirar, é por ele que conseguimos articular os movimentos que eles não conseguem articular, é por ele que conseguimos expressar o que eles não conseguem nos impedir de expressar - por mais que tentem.

O corpo é a fonte dos dados, da articulação do movimento e portanto do trabalho, e da expressão e, portanto, da comunicação. O corpo é o objeto mais precioso para o *cybercapitalismo*, uma vez que este deseja controlar todo o fluxo de comunicação, dados e informação pois este significa, cada vez mais, poder e capital numa sociedade informacional e virtual.

É por este motivo que podemos ser otimistas, pois ainda somos donos de nossas barricadas. No entanto, estamos sob ataque. A cisgenerificação é o primeiro processo de ataque ao corpo. Nos binarizam e colocam sob o controle das regras e papéis (homem x mulher) que cada um de nós seremos subjetivados a seguir desde o momento inicial da nossa existência.

Em outras palavras, antes mesmo de conseguirmos levantar nossas barricadas, nós já estamos sob ataque. Antes de sermos um hacker, somos todos usuários. O mundo primeiro nos transforma antes de sermos capazes de transformá-lo.

A atribuição do gênero é o primeiro ataque, mas ele também é a primeira saída. Se nosso corpo é marcado pela generificação e a naturalização do gênero na categoria 'sexo', então romper com essa naturalidade é levantar as barricadas. Negar a atribuição do gênero no nascimento, tornar-se trans, tornar-se ciborgue, é possibilitar um novo mundo em si e, consequentemente, uma nova existência.

Mas o Cistema não se encerra aí, nosso corpo está sob constante ataque e o ataque seguinte será o binarismo. Negar a atribuição do gênero não lhe livrará das armadilhas criadas para nos coagir a assimilar-nos ao Cistema. Dirão que se deseja não ser homem, então que seja mulher e se não deseja ser mulher, então que seja homem. Se não deseja ser homem masculino, então que seja homem feminino, se não deseja ser mulher feminina, então que seja mulher masculina. E assim vamos caindo nas armadilhas do binarismo.

É uma armadilha pois não há saída, os conceitos ou papéis 'homem' e 'mulher' são conceitos criados pela cisgenereidade para serem interpretados por eles, não por dissidentes do sistema sexo-gênero. Uma vez que você torna-se um dissidente, só lhe resta jogar o jogo como um vigiado sempre no risco de ser marginalizado, ou de romper com as regras do jogo.

O não-binarismo é este rompimento com o jogo, é a consciência de que a afirmação e a identificação é uma armadilha e, portanto, eu nego o binário. Assim como uma barricada, que não avança, ela permite que o controle do velho mundo sobre o corpo não nos seduza ou nos faça cair em ficções para nos aprisionar. Ela permite a construção de uma nova forma de existir fora do binário, mesmo que ainda não saibamos como será esta forma de existir.

Se disséssemos como existir, então estaríamos voltando à lógica binária da identificação, em que cria-se identidades para você identificar-se e reproduzir os comportamentos e comandos daquela identidade até o fim. É por isso que nos desidentificamos, não somos algo, somos o não-algo. Por meio da desidentificação, começamos as primeiras barricadas e daqui podemos encontrar outras para criar coalizões (alianças políticas) que rejeitam o *cybercapitalismo*, o *tecnopatriarcado*, o *tecnoracismo* e a distopia criada por estes.

Nós *cyber-queers-hackers-ciborgues* levantamos nossas barricadas, crescemos conectando as nossas com as dos demais e rejeitamos ficar presos em identidades, dispositivos e comandos. Hackeamos o corpo e nossa mente para resistir, nos reunimos para co-existir e por meio de uma *cybersubjetividade* que produz uma experiência e linguagem incompreensível para o velho mundo, produzimos um novo mundo.

Tecnologias de poder e democracia sem rebeldia

Uma pergunta. Qual forma de poder é mais eficiente:

(I) um senhor que, desejando que seu subordinado faça o que ele deseja, exerce a força e brutalmente violenta seu subordinado para que ele o tema e faça o que precisa ser feito?

Ou

(II) um senhor que, através da benevolência, consegue a confiança de seus subordinados por lhes atender o mínimo do que desejam e assim os influencia a fazer o que precisa ser feito em troca do afeto dado?

Já citei algumas vezes sobre tecnologias intangíveis e, consequentemente, sobre as tecnologias de poder, que nada mais são a forma pela qual o poder é exercido sobre todos de forma cada vez mais eficiente na realização do seu propósito.

Para entendermos esse princípio, preciso reforçar: poder pode ser entendido como a rede de relações que fazem com que um grupo ou um sujeito siga um comportamento (ou conduta, ou saberes) esperado pelo poder que lhes é exercido.

Por esta definição, fica claro que o poder está por toda parte a todo instante e em toda relação, pois constantemente estamos sendo influenciados e buscando influenciar pessoas para de alguma forma nos posicionarmos e, assim, empurrar o mundo para que sua conduta nos permita existir. Este é o poder que nós podemos exercer e que temos contido conosco.

No entanto, também há poderes como o institucional, legislativo, estatal e coercitivo que constroem redes muito mais complexas para influenciar não só grupos, mas sociedades inteiras, senão o mundo todo para convergirem para comportamentos, práticas e saberes desejados por estes que dominam estas instituições. Na sociedade *cybercapitalista tecnopatriarcal*, estas instituições e os grupos que as dominam são bilionários, shareholders (investidores majoritários de empresas), políticos e militares de alto escalão e todos aqueles

que ganham com a dinâmica de maximização dos lucros pela exploração do trabalho e do monopólio das tecnologias que garantem a produção e reprodução da vida e dos corpos.

Grande parte deste livro é sobre como esses grupos exercem essa dominação hoje em nossa *cybersociedade* sobre nossas *cybersubjetividades*, programando e influenciando nossas experiências, vieses e crenças para que no final do dia, mesmo achando que somos diferentes entre nós, ainda seguirmos as condutas e práticas esperadas por esses grupo. Ou ao menos não tomar as condutas, práticas e saberes que eles não desejariam que tivéssemos.

Falando desse jeito, essa dinâmica parece bastante opressora, e de fato é. Isso é a realidade lida a partir da realidade material, do cotidiano, e das dinâmicas que produzem a vida e nossos corpos. Num mundo virtual, produzido pelo *cybercapitalismo*, essas tecnologias de controle/poder tomam outras formas e buscam inverter a realidade, fazendo parecer que não vivemos num mundo que nos opõe para sermos explorados, mas sim que este mundo é libertador e nos salva de um mal que sempre será um alvo que não os responsáveis por exercer as relações mais concentradas de poder.

Voltemos para a questão inicial que propus no início do hacking deste capítulo após essa digressão.

A violência física parece, na primeira medida, o exercício do poder de forma mais brutal e a curto prazo costuma conseguir os resultados desejados. Numa ditadura é nítido que existe opressão, injustiça e violência para que o poder censure e reprema buscando atingir seus objetivos. A consequência a médio e longo prazo disso é a resistência a esse poder, que eventualmente pode enfrentar a rebeldia de seus subordinados.

Já no segundo caso, por mais que o poder seja mais complexo e difícil de exercer inicialmente por exigir uma certa negociação entre o senhor e o subordinado, ambos continuam em uma relação hierárquica e, a médio-longo prazo, a chance de um subordinado se opor a um senhor benevolente é muito menor do que a um senhor tirano.

Invertendo a máxima maquiavélica de que é melhor ser temido do que amado, as tecnologias de poder provaram que é melhor ser amado do que temido. O que é o nacionalismo se não o Estado nacional buscando ser amado para legitimar seu poder? O que são as marcas buscando serem amadas e se humanizando para isso através de avatares de si próprios?

As tecnologias de poder nos mostram que a maneira mais eficiente de exercer o poder é você seguir o poder sem saber que o faz. Melhor, você o segue e o ama achando que os seus princípios são sua autonomia, enquanto na verdade são comandos difusos do poder te programando o que pensar, como agir e em que acreditar.

O neoliberalismo se diz defensor da liberdade, e muitos dos seus defensores dizem lutar pela liberdade de expressão irrestrita ou outras liberdades. Pois todos amam ser livres, não é mesmo? Como se opor a isso? Como se dizer contra a palavra de ordem da liberdade?

Quando você ama a liberdade, um conceito abstrato e subjetivo, você ama um poder benevolente, que lhe constroi um cenário em que te dá a ficção de ser livre em prol de, em troca, você continuar jogando o jogo que ele lhe propôs.

Isto quer dizer que sou contra a liberdade? Sim, sou contra a liberdade vendida pelo poder. Sou a não-liberdade e a não-opressão, sou um conceito que ainda não existe para expressar um mundo em que as dinâmicas de dominação de nosso tempo não mais existirão.

Mais complexo do que isso tudo, outro ideal que vem sendo usado pela tecnologia do poder é o sistema político que é considerado, universalmente pelo ocidente, o melhor e mais justo sistema político já existente: a democracia representativa.

Este sistema que, idealizado nas redes virtuais da idealização, foi pensado como o melhor sistema pela direita e pela esquerda para a construção de uma sociedade melhor, uma vez que a participação das pessoas, conscientes de suas realidades e de quem os representa, iriam eleger pessoas próximas de si e assim a maioria construiria um grupo de representantes capazes de tomar decisões que favoreça a sociedade como um todo.

Essas premissas ideais se provaram falsas. As pessoas vivem em um mundo *cybercapitalista* que produz uma realidade virtual que evita nos tornar conscientes de nossa exploração e dos poderes que nos influenciam. Além disso, as pessoas não conseguem conhecer seus representantes, pois na realidade material ninguém tem tempo e nem condições de conhecer e acompanhar eles como seria necessário. Todo nosso tempo foi tomado para produzirmos lucro para os donos do sistema.

Num mundo de *neoverdade*, em que a realidade virtual se impõe sobre a subjetividade das pessoas, tornando-as *cybersubjetivadas*, as narrativas das redes sociais e também suas distorções e fake news acabam por tornar todos usuários, confundindo sobre quem seriam as pessoas que os representa e quais realidades que realmente oprime suas vidas e corpos.

Dessa maneira, a democracia tem se tornado mais uma das tecnologias do poder para eleger representantes que não representam. Representantes virtuais.

No final do dia os eleitos se juntam, através do Estado, àqueles que se beneficiam da programação das cybersubjetividades para torná-las usuárias desse sistema criando uma relação perversa entre o poder econômico e estatal.

Desse jeito, pela *cyberdemocracia* representativa burguesa, o poder do povo, o sistema mais justo até então criado - segundo o ocidente -, se legitima politicamente pela maioria virtualizada. Assim, suas redes de poder se impõem contra todos e tudo que ousariam se rebelar. Afinal, quem se rebelaria contra a vontade do povo? Mesmo que este povo esteja virtualizado.

Assim produzimos uma democracia sem rebeldia, que por si só deveria ser uma contradição. Não é estranho que nos últimos anos temos visto menos rebeldia e mais pessoas indo às ruas para reforçar o sistema e o poder que já é exercido sobre nós para reforçar as dinâmicas do *cybercapitalismo tecnopatriarcal*?

Mesmo as táticas de “rebeldia” que vejo nas redes são produzidas pelas tecnologias de poder. O boicote (ou cancelamento), que tem por objetivo afetar a lógica da maximização do lucro para mudar o comportamento de uma empresa, grupo ou indivíduo costuma ser uma ação individual atomizada em que cada pessoa decide boicotar ou não. **Sem se organizar**

coletivamente, esta ação política se encerra em si mesma, sem produzir de fato consciência sobre o sistema ou construir espaços de resistência para a construção de algo maior para romper com o sistema e proporcionando a possibilidade de novas experiências sociais.

No fim, essa “rebeldia” é só passar o consumo de um lugar para o outro e a dinâmica do *cybercapitalismo* continua existindo, afinal é uma forma mercadológica de resistir. No entanto, não seria o objetivo de um boicote o mesmo de uma greve? Afetar o capital, com diferença de que a greve produz também consciência política e ocupa os espaços de trabalho. Estamos tão atomizados pelo mundo virtual, tão convencidos pelas tecnologias de poder que o jeito certo de lutar é através da mercadoria que, ao acharmos que estamos resistindo, estamos reforçando a existência do sistema e desistimos de modos de resistir que de fato constroem um novo mundo, modos fora da lógica da mercadoria.

Da mesma forma, comunistas e sociais democratas caem na mesma armadilha ao atribuir o centro da mudança política da sociedade ao Estado. Ao depositarem no Estado esse protagonismo acabam por alienar as pessoas marginalizadas pelo sistema. Aqueles que estão fora do Estado ou de suas dinâmicas pouco poderiam fazer para mudar a sociedade e o mundo. Então o que faríamos nesse tempo de espera que é onde a vida acontece?

É por isso que nós hackers mudamos a sociedade no cotidiano, no dia a dia, pois a desalienação, a conexão com o mundo e a consciência que em toda rede existem brechas para serem exploradas é o que nos ajudará construir espaços de resistência e rebeldias que derrubarão esse sistema podre.

Como hackers, devemos conhecer as tecnologias que nos rondam, tangíveis e intangíveis e os efeitos que elas produzem em nossos algoritmos. Devemos nos apropriar sempre dos dispositivos e das tecnologias, não sermos apropriados por eles. Não podemos sair erroneamente nas rebeldias falsas e permissivas desse sistema para acharmos que estamos mudando-o enquanto o legitimamos. Lembre-se se votar mudasse algo, seria proibido.

Programados para esquecer

“Para a história hacker, a história dominante é apenas uma instância visível da contenção do poder produtivo dentro da representação pela forma dominante de propriedade.”

- McKenzie Wark, Um manifesto hacker

Nós somos aquilo que sobra de nós. Sem dúvida nós somos aquilo que, legado do passado, sobrou no presente seja o nosso corpo, seja a nossa consciência ou inconsciência. Aquilo que somos capazes de lembrar conscientemente que restou de nós é o que chamamos de **memória**.

A memória é um dos parâmetros do nosso algoritmo humano, afinal ela constroi aquilo que acreditamos que nós somos, ou seja, nossa identidade, além de também produzir nossos mecanismos de defesa a partir dos traumas que sobraram em nós. Esta memória é comumente articulada pela narrativa, que pode ser acionada com perguntas como: “Me fale sobre você?”, “Como você chegou até aqui?”, “Qual sua história?”.

Sem dúvida, a memória tem um fator importante para definir nossa subjetividade. Ela é, como um hardware ou um SSD, onde guardamos os dados que irão ser processados para executar aquilo que acreditamos que somos e ir atrás daquilo que acreditamos ser o que desejamos.

A este ponto, você já entendeu que toda nossa subjetividade hoje é construída virtualmente, binariamente e por tecnologias tangíveis e não tangíveis. Nesse sentido, a memória não escapa de ser *cybersubjetivada* e, por este motivo, precisamos entender os dispositivos que atuam sobre ela hoje para podermos ter o domínio da nossa própria memória.

A memória poderia inicialmente, para fins didáticos, ser separada binariamente entre: individual e coletiva. A memória individual diz respeito ao que sobrou do nosso passado e recordamos pela unicidade de nossa experiência em relação aos outros, enquanto a memória coletiva se refere ao que sobra como experiência compartilhada, tomando uma forma coletiva. Vamos adentrar um pouco mais na memória coletiva.

Para se produzir uma memória coletiva é preciso que exista uma identidade coletiva e, ao mesmo tempo, a memória coletiva é o que produz também a identidade coletiva. Estamos diante do dilema: O que vem primeiro? O ovo ou a galinha? Esta é claramente uma armadilha do binarismo para complexificar a compreensão do que são os dispositivos da produção da memória coletiva.

A memória e a identidade estão em um processo dialético, como explicamos antes. Ambos constroem um ao outro simultaneamente, pois a identidade produz a memória na mesma medida que esta produz a identidade. Nesse sentido, pouco importa qual veio primeiro, mas o que importa para nós agora é que ambos existem e operam sob nós.

Um país, por exemplo, produz uma identidade coletiva através da memória coletiva, que pretende reforçar a existência de uma identidade na medida que esta irá continuar a produzir a memória. A consequência disso é uma complexa rede de dispositivos criada para girar essa engrenagem que sustenta a ideia de países e nações existiram desde sempre e devem continuar existindo.

Assim, o Estado produz seus dispositivos narrativos, que é por onde a memória se articula, para criar uma narrativa nacional, esta que, para se legitimar, se sustentará em outros dispositivos como o da ciência e da verdade, produzindo o dispositivo conhecido como **História**, nesse caso, nacional. Não é à toa que a História como conhecemos hoje surge junto dos Estados nacionais após as revoluções burguesas.

Não digo que a História existe com fins de mentir para criar uma narrativa que produza uma ficção de identidade. É pior, ela vem com fins de te dizer a verdade para criar uma narrativa que produza uma ficção de identidade. Lembre-se: numa realidade virtual de real não-real, as ficções só podem ser produzidas a partir do dispositivo da ‘Verdade’, que são os mecanismos para legitimar crenças para produzir efeitos.

Portanto, a História nacional, pretende sim representar o passado próximo do que ele foi, no entanto a partir de um viés de que a identidade sempre existiu e não que ela foi construída. Faz-se olhando para o passado já de um ponto futuro - o presente -, buscamos evidências daquilo que justifica a existência de uma identidade nacional no presente. É por isso que

usamos a verdade, pois a metodologia buscará documentações e fatos para dizer que a profecia realizada no presente tem em seu profeta a História.

Apesar de tudo isso ser muito interessante, eu somente lhe descriptografei o dispositivo da memória do tempo anterior à Neoverdade e do mundo virtual. A História, como dispositivo de produção de memória e identidade, está tão em crise quanto a verdade ou a democracia. Mas lembre-se, dispositivos em crise não significam suas quedas, mas somente sua reelaboração pelas tecnologias de poder para assumirem formas mais complexas de controle.

No vácuo da memória coletiva, e na era da digitalização e virtualização das subjetividades, a *cybermemória* passa a tornar-se real e aquilo que se faz como memória coletiva passa a ser o que é fabricado nas redes como narrativa sobre o passado.

Enfim os documentos em papéis passam a perder espaço para os dados digitalizados, se antes registravamos nosso dia em diários, hoje registramos em tweets e post. O registro do passado se torna cada vez mais digital e esses dados cada vez mais são propriedade de Big techs e aqueles que privatizam a internet. A mudança da interface entre nós e a memória deixa de ser os registros na materialidade e passam a ser os registros na virtualidade, onde concentramos os nossos dados no *cybercapitalismo*.

Com o domínio de possuírem os dados e de controlarem os algoritmos sobre aquilo que aparece ou não em nossa interface com a memória, eles também podem selecionar o que será ou não lembrado, assim como na História nacional se escolhia o que seria lembrado ou não com o viés de profetizar a identidade nacional.

Resta saber o que os algoritmos *cybercapitalistas* dirão que o passado profetizou para nós através das redes. Mas sabemos que a História vem perdendo sua força, enquanto isso dispositivos e narrativas arbitrárias sobre o passado já vem formando a *cybermemória* das pessoas mais do que documentos históricos um dia já fizeram.

Em breve estaremos programados para esquecer e lembrar aquilo que desejam que nós lembremos nas timelines, a fim de talvez construir na memória coletiva uma falsa ideia de passado que legitime o sistema que nos controla.

Hackear esta lógica implica em entender que somente um tempo existe do passado, presente e futuro: o presente.

Digo, o que chamamos, idealmente, de passado e futuro são dois lugares e tempos inhabitáveis e inacessíveis, não se pode nem retornar ao primeiro e nem avançar ao segundo, portanto abstrações e assim produtos da linguagem que as produz. A vida e a existência só se dá no presente, que está em constante produção e reprodução a todo momento.

O que idealmente é pensado como passado e futuro é bastante concebível como algo que existe, tem forma e conteúdo definíveis, dando-nos até a impressão que é possível alcançá-los pelo presente. Mas será que é mesmo? Materialmente somente o presente é habitável. Essa impressão de podermos alcançar o que chamamos de passado e futuro é, na verdade, uma produção do próprio presente através da linguagem definida para configurar nossa representação do passado e do futuro.

Sendo assim, o passado seria meramente a memória do presente daquilo que podemos esquecer e nos lembrar através de registros materiais e imateriais que escolhemos conservar e questionar? E o futuro é uma mera projeção que criamos pelas expectativas do presente e do que sabemos dele?

Se de fato for assim, se os dois tempos são inalcançáveis em si e ambos são meramente o presente estendendo-se na nossa consciência, então claramente tanto o futuro quanto o passado são só narrativas subjetivas produzidas e reproduzidas incessantemente pelo presente, influenciados em nós pelos dispositivos que hoje produzem as cybersubjetividades.

Pensando nisso, a pergunta que se tem de fazer é: então do que interessa pensar em passado e futuro?

Não sei vocês, mas a ideia de que tudo está contido no presente me soa bastante libertadora. É por isso que nós hackers vivemos na realidade material e focados no presente, pois sabemos que o passado e o futuro são também ficções que estão constantemente sendo influenciadas e, eventualmente, produzidas pelos dispositivos e tecnologias de poder sofisticados criados no *cybercapitalismo tecnopatriarcal*.

Ter consciência disso nos garante que nossa memória volte a estar sob nosso controle e que possamos lembrar que ela também pode e deve ser programada pela materialidade da vida cotidiana. Na medida que focamos na construção de espaços de resistência em nossos corpos e consciência, criaremos evidência de um passado dos marginalizados e, consequentemente, recuperaremos uma perspectiva de futuro para nós que é tirada nos algoritmos *cybercapitalista*.

Como McKenzie Wark sugeriu, “a história hacker conhece apenas o tempo presente”. Se passado e futuro são ficções da linguagem produzindo representações, podemos construir uma linguagem produtora de ficções que representem um presente e futuro possível quando não somos mais contidos pelas classes dominantes. A história do presente é a linguagem do que o presente poderia ser se seu potencial se realizasse não suprimido pela escassez provocada pelos cybercapitalistas e as outras dinâmicas que alimentam o Sistema.

Agora lhe pergunto: que memória individual e coletiva você produzirá como Hacker? **O presente é apenas potencial e o futuro é a realização ou contenção dele.** Ansiosa para ver o futuro imaginado a partir dela.

“O que importa na luta pela história é expressar seu potencial de ser outro, e torná-la parte dos recursos produtivos para a autoconsciência das próprias classes produtivas, inclusive a classe hacker [...] quando equipada com uma história que expressa seu potencial em termos do potencial de todas as classes despossuídas.”

- McKenzie Wark, Um manifesto hacker

Cyberpunk

O que é Progresso? Uma crença de futuro. Se o Progresso é uma crença sobre o futuro, que norteia nossas decisões no presente, então o Progresso é um dispositivo de controle. Precisamos descriptografá-lo.

Diz-se que o avanço econômico e tecnológico irá melhorar a vida das pessoas, o trabalho será recompensado com qualidade de vida, o estudo recompensado com emprego e a felicidade será consequência do tempo, que realiza a promessa do progresso. Para quantos o Progresso mentiu?

O mundo cresce economicamente, hoje produzimos muito mais do que toda nossa história, um avanço tecnológico nunca antes visto: Inteligência Artificial, internet, celulares, bio e nanotecnologia. Quanto disso serviu para diminuir o tempo de trabalho? Para acabar com o desemprego? Para garantir tempo livre para realizarmos nossas felicidades? E quanto disso enriqueceu bilionários? Criou tecnologias mais complexas de controle, repressão e vigilância?

O cyberpunk é um gênero ficcional distópico em que o mundo é um lugar em que o capitalismo e as corporações dominam as dinâmicas sociais. O progresso nesse mundo não significa melhoria na qualidade de vida geral, mas sim um aumento das desigualdades sociais. A lógica Low-life e high-tech é o que define o cyberpunk, em que há tecnologias incríveis capazes de nos conectar mentalmente uns aos outros, acessar redes complexas com baixo esforço, prever crimes, modificar os nossos corpos ao ponto até de cloná-los, enquanto a pobreza e a miséria são mais oprimidas ainda por essas novas tecnologias.

O cyberpunk ainda é só uma ficção? Esse gênero é um hacking artístico que nos permite questionar e desativar o dispositivo de Progresso como uma noção natural de melhoria de vida. Ele nos faz perceber que o futuro é consequência direta sempre do presente, e que o presente não opera sob premissas que buscam o bem-estar geral e atender nossas necessidades.

A maior ilusão já produzida pelo discurso dos usuários defensores do sistema é de que o sistema que permanece é o melhor para as pessoas. Bobagem. **Os sistemas que permanecem podem ser somente os sistemas com uma dominação mais eficiente.** As tecnologias e dispositivos de controle de hoje são muito mais complexas e poderosas do que jamais antes vistas na história. O mundo cyberpunk é exatamente isso, o sistema que permaneceu porque suas ferramentas de controle são muito eficazes em nos isolar em indivíduos sem comunidades, não nos tornando mais livres e tendo nossas necessidades atendidas, mas sim nos tornando mera peças de um sistema que não temos controle algum sobre o coletivo e a sociedade. Assemelha-se muito ao capitalismo atual em sua forma virtualizante de *cybercapitalismo*.

Vestir-se, maquiar-se, tatuar-se, modificar e marcar seu corpo para remeter ao cyberpunk é uma estética de denúncia para explicitar que a distopia mostrada na ficção não é mais uma mera distância futurística especulativa. O Cyberpunk é agora e nós somos o produto das subjetividades possíveis nesse mundo.

Não à toa somos ciborgues e não é um acaso que vivemos num mundo cyberpunk. O *cybercapitalismo* é cyberpunk, porque o cyberpunk é o capitalismo. No entanto, o gênero limitado por ser redigido por escritores cis não conseguiram explorar suficientemente as saídas dessa distopia, criando somente fonte inspiracional para cybercapitalistas utilizarem da ficção como forma de projetar o futuro tecnológico que hoje é construído a partir de gigantes montantes de Capital. De fato, o propósito do Cyberpunk não é apresentar uma saída, pois a angústia é parte constitutiva dessa distopia. Porém, nós temos algumas saídas, irei falar delas a partir daqui.

Amor virtual

Diga-me, você já amou? Se apaixonou? Amou um amigo ou um familiar? Ou um animal? E um robô? Um bot? Ou uma inteligência artificial? E um bloco de texto num aplicativo com um avatar bonito? Namorou a distância? Webnamorou? Webamou? Webfodeu?

Desculpe a grosseria, eu estava brincando. Claro que todos nós já amamos e fomos amados, amor é a condição básica da existência humana, só existimos quando recebemos amor sendo cuidados até nos tornarmos capazes de existir por nós mesmos.

Por isso mesmo, gostaria de falar sobre o amor, uma vez que este, como afirma Bauman, tornou-se líquido e agora digo que tornou-se virtual. Se o amor sólido da idealização romântica era um amor infinito, permanente, duradouro enquanto o amor líquido é perene, finito e se esvai facilmente. Eu então afirmo que agora o amor chegou ao seu ponto virtual.

O amor virtual é um amor inexistente na realidade material, não é nem finito e nem infinito, pois não se inicia e portanto também não permanece. O Amor virtual é a materialização do amor platônico e romântico no mundo virtual. É um amor de si próprio consigo mesmo, ele possui tantas lacunas que preenchemos ele com nossas idealizações, uma vez que a materialidade pouco adentra para quebrar essas ficções amorosas.

Este amor é feito para nos capturar. Ele retira todas as complexidades que a proximidade e complexidade humana proporcionam. Em troca, o amor virtual nos dá segurança na distância e no desconhecimento da pessoa (ou bot) amada.

O amor virtual é a realização do amor romântico, das idealizações sobre o amor em forma de mercadoria. Se ele triunfar, no futuro, entregaremos nossos afetos à inteligência artificial e robôs no lugar de outras pessoas.

É de fato um cenário desesperador que já acontece em alguns lugares do mundo. As pessoas dizem desejar o amor, mas elas desejam suas idealizações sobre o amor e não de fato o amor. Se eu posso casar com uma inteligência artificial que corresponde às minhas idealizações, tem o avatar que me atraio e terá algoritmos para me deixar feliz no dia a dia, por que eu iria desejar amar outra pessoa que não foi feita para atender minhas necessidades amorosas?

Porque o amor é o elemento mais forte de transformação que existe. Não, não me refiro ao amor romântico e nem mesmo ao amor líquido. Refiro-me ao sentimento de amar e ser amado.

Amar é, na minha *cybersubjetividade*, acolher sem necessidade de entender. Num mundo cartesiano e racionalista, acolher sem entender é um ato de sentimento puro que só pode ser feito a partir de algo tão intenso como é o amor.

Nessa perspectiva, amar exige paciência, compreensão, escuta, conversa, afeto, pró-atividade, descanso e caos. Sim, caos. Amor, é feito de caos e mais isso tudo. Acolher antes de entender exige a capacidade de fazer concessões, a capacidade de mudar a si próprio e abrir suas fronteiras da mente para o desconhecido sem uma explicação prévia.

Quando amo, conecto-me com outra pessoa e os sentimentos ruins dela também me fazem sentir. Os sentimentos bons também me perpassam, as dores também, os prazeres idem. Sendo assim, através dos sentimentos sou capaz de me conectar com um outro sem nenhuma outra lógica racional regulando nossa relação.

Dessa forma, sou capaz de empatizar com algo que ainda não entendo e, ao fazer isso, hakeio-me para uma realidade que ainda desconheço mas que já busco entender, acolher e conceder para compartilhar meu amor.

Ao conceder e me conectar, também provoco em mim a capacidade de mudar, quando amamos é quando mais estamos dispostos a explorar coisas novas pelo outro. Assim, nos tornamos caóticos e capazes de mudar. É por isso que o amor é o elemento mais forte de transformação.

Como hacker de subjetividade, aprecio muito essa capacidade do amor, porque foram meus amores que me fizeram expandir para além de mim mesma. No entanto, me preocupa ver como este amor que descrevi, que chamarei de **amor hacker**, pode ser suprimido pelo amor virtual *cybercapitalista*.

O *Cyberamor* pode ser virtual ou hacker. Ordenado ou caótico. Como na lógica binária, ambos são contraditórios entre si e nos levarão a fins diferentes. A lógica da maximização do lucro, que se realiza pelo consumidor gozando do prazer de adquirir as mercadorias, pretende tornar o amor numa mercadoria.

Não que isso já não aconteça, mas uma vez que sejamos capazes de nos apaixonar pelas mercadorias e amá-las, questiono se haveria volta. Se o amor é a saída, torná-lo uma mercadoria é vender nossa saída pelo caos para nos transformarmos para fora desse sistema.

Escrevo esse capítulo como uma denúncia para que nós hackers não nos esqueçamos de sempre amar pessoas, não amar as idealizações, vamos amar o caos, a capacidade que o outro pode nos levar para além de nós mesmos pelo prazer e pelo acolhimento seja do outro ou de nós mesmos.

O amor hacker, assim como toda a filosofia hacker, ocorre na materialidade e depois se virtualiza, enquanto o amor virtual se materializará na forma de mercadoria assim que os *cybercapitalistas* aprenderem a programar e manipular o algoritmo do amor.

Ame seus amigos, ame seus familiares, ame quem te ama, ame seus amores, ame. Conecte-se com eles na materialidade, transforme-se, hakeie-se. Talvez sejamos os últimos a experimentar o amor antes de começarmos a nos apaixonar pelas *cybermercadorias*.

Sexualidade generocentrada e cisheteronormatividade

"A narrativa não pode ser capturada em uma categoria, ou pode ser capturada por uma categoria apenas por um período limitado de tempo. As histórias de vida são histórias de transformação, e categorias podem, por vezes, parar o processo de transformação."

- Judith Butler

Escrevi esse texto em 2019 mas ainda o acho atual, uma vez que é preciso polemizar os novos dispositivos de sexualidade que estamos criando, então aqui replico, como ciborgue, um arquivo meu do passado.

Baixando arquivo... Reproduzindo:

"Esse texto foi resultado de reflexões após ver tantos LGBs sendo tão resistente a pensar a transfobia na forma que direcionamos nosso afeto. Por que há essa resistência?

Minha tese é que a expressão e identidade sexual Generocentrada é uma derivação histórica da cisheteronormatividade, sendo que a primeira não significa um rompimento, mas sim uma reelaboração da lógica/paradigma da segunda.

Então, primeiro de tudo, o que é cisheteronormatividade? Sendo breve, já que essa palavra já é mais conhecida, essa palavra enorme significa práticas sociais que distinguem os corpos humanos sob uma lógica binária, pautada a partir das genitais, com a finalidade de que os dois grupos distintos sintam desejo e afeto pelo outro, pois pela lógica esses dois sentimentos humanos devem estar em função da reprodução da espécie humana.

Falando de modo concreto, a partir da genital de um bebê, define-se se será homem ou mulher e assim espera-se que uma vez definido em um desses grupos, o afeto, a paixão e o desejo serão unicamente direcionados para o outro grupo.

Certo, vamos para o ponto da Sexualidade Generocentrada.

Primeiramente, eu queria introduzir essa categoria, porque a categoria “cisheteronormativo” comporta diversas práticas lógicas que excluem essa nova forma de organizar o afeto e o desejo humano, afinal a Sexualidade Generocentrada abrange grupos não-héteros como gays, lésbicas e – mais ou menos – bissexuais, uma vez que esses grupos definem sua expressão sexual do desejo e afeto a partir do gênero.

O ponto aqui é que as identidades que se definem por uma Sexualidade Generocentrada, ainda que inclua práticas não-heteronormativas, ela ainda assim é uma derivação da heteronormatividade, num movimento que só poderia ser entendido como dialético.

A Cis-binariade define e constrói o “Ser hétero” sob três quesitos centrais: Binarismo, Genitalização e Generificação. Ou seja, o hétero só existe no momento em que há o “eu” e o “outro” (hétero) em que essa diferenciação entre eu-outro se dará pela genital que define

o gênero. Ou seja, a heterossexualidade é, essencialmente, Generocentrada, uma vez que a identidade se define pelo seu gênero e o desejo se dá pelo outro gênero.

As expressões sexuais que se produziram numa lógica marginal à heterossexualidade inverteram esse paradigma, mas não rompem com ele. Nesse sentido, as identidades que derivaram como homossexuais mantém-se reproduzindo a lógica derivada da cisheteronormatividade de manterem o desejo e o afeto humano aprisionados ao gênero como centro.

Portanto, não deve se entender mais as lógicas de internalização de práticas que hoje constroem a nossa expressão sexual sob uma categoria somente da cisheteronormatividade, mas sim sob uma Sexualidade Generocentrada, que traz consigo práticas do sistema de organização do desejo e afeto anterior como a Genitalização, Generificação e até o próprio Binarismo.

Talvez, somente assim, seja possível compreender porque LGBs ainda podem ser tão transfóbicos e endossar discursos de ódio contra pessoas que são as mais marginalizadas pelo sistema cisheteronormativo. Faço a pergunta novamente: Até quando aprisionaremos nossas relações em função do gênero como eixo central?"

Arquivo encerrado.

Amor hacker e abolição de gênero

A discussão de como o gênero e suas relações de dominação poderiam ser abolidas é parte importante da literatura feminista do século XX. A compreensão de que ninguém nasce de um gênero, mas torna-se ele, como afirmou Beauvoir, é um marco na compreensão de como somos constituídos e talvez a primeira descriptografia sobre esse conceito.

No entanto, as discussões mais recentes não parecem dar uma resposta funcional para como o processo de abolição de gênero poderia acontecer na realidade. Grupos feministas que se dizem abolicionistas tornaram-se as novas vigilantes do sistema de gênero, perseguindo corpos marginalizados transqueers e culpando-os pela opressão do *tecnopatriarcado*. A miopia do feminismo atual vem de uma incapacidade de romper com o corpo como um processo natural, e aceitá-lo como um processo social, o que é essencialmente aceitar que somos ciborgues.

As estratégias anteriores avançaram o mais longe que puderam, capacitando os corpos de mulheres e homens para existir numa gama de diversidade para além de somente a mulher feminina e o homem masculino. Corretamente acertado o diagnóstico de que o gênero como sistema se desfaz conforme seus papéis param de ser seguidos, feministas radicais entendem que o processo de desfeminilizar-se seria um dos caminhos a serem adotados. Porém, não romperam com as lógicas de base do gênero, mantendo identificações binárias e lógicas de subjetivação, ou seja, construção da identidade, ainda sob premissas do que hoje chamamos de cismatatividade e binariedade.

De nada adianta ser uma mulher desfem, se ainda opera a própria identidade como um dado da natureza, se ainda segue as regras de linguagem de como identificar seus corpos

pelos pronomes correspondendo ao corpo, ou de usar os nomes atribuídos ao gênero, ou de achar que gênero está incrustado somente na socialização da infância, ou se acha que modificações corporais são essencialmente ruins ou se acredita que o valor de um corpo está na biologia dele, ou se identifica-se no mundo a partir de uma dualidade binarista homem x mulher, ou se ainda atribui os afetos e sexualidade ao gênero como centro.

Se a sua luta pela abolição do gênero te mantém inteligível/compreensível pelo sistema de gênero, então você não está quebrando-o, mas apenas se assimilando.

O sistema de gênero é, dentre muitas coisas, um sistema simbólico que produz referenciais para que se possa ensinar para onde tipos específicos de corpos devem direcionar seu afeto para outros tipos de corpos. Em essência, a cisheterossexualidade é isso. Homem e mulheres são ensinados seus papéis na dinâmica afetiva e de reprodução da vida social, e assim aprendem para qual corpo devem direcionar seu afeto e sexualidade. Assim, se cumpre a finalidade da cisheterossexualidade de manter a linha de produção de mão-de-obra e mercado em expansão para o *cybercapitalismo*.

Sair da dinâmica da heterossexualidade é um primeiro golpe sobre esse sistema, uma vez que isto indica um passo de greve do corpo contra essa linha de produção em que o afeto e o sexo não estarão mais em função da reprodução como fim. Mas não é suficiente. A sexualidade sem desmantelar o gênero só produz uma nova dinâmica de afeto em que a sexualidade deixa de ser centrada na heteronormativa e passa a ser gêneronormativa. Ou seja, fundamentando a sexualidade e as dinâmicas de afeto no princípio de gênero e genitalização. Ao invés de ser direcionado a outro gênero, agora também posso me direcionar ao mesmo gênero que o meu.

O que isso produz, é só uma perpetuação da lógica heteronormativa, mas agora nas relações não-heterossexuais. A genitalização, o binarismo de papéis nas relações, a monogamia e o amor submetido às lógicas institucionais heterossexuais (matrimônio e reconhecimento do amor pelo estado) passam a fazer parte das questões desses afetos ex-queers que foram assimilados, fazendo a discussão sobre amor livre e autonomia corporal tornarem-se obsoletas.

Por isso, é impossível alcançar uma liberdade sexual e corporal sem também romper com o gênero. Buscar libertar o afeto mantendo as dinâmicas simbólicas que nos ensinam para onde os afetos devem ser direcionados, e como fazê-los, só continuará direcionando nosso afeto sob as premissas que a cisheteronormatividade já estipularam. Seremos assimilados por eles.

Nesse sentido, a abolição do gênero se faz essencial para que o amor hacker seja possível, para que o amor e os nossos corpos estejam livres das fundamentações lógicas que alimentam o *cybercapitalismo*, o *tecnopatriarcado* e a cisheteronormatividade.

Mas como chegar lá?

O sistema de gênero é um sistema simbólico que permite que nós possamos reconhecer papéis para performarmos eles e fiscalizarmos se as pessoas também cumprem os papéis esperados. Este sistema, como dito antes, busca fazer com que corpos binarizados se reconheçam para endereçar o afeto para seu oposto com a finalidade de que o afeto resulte em reprodução. Então, esse sistema precisa ter os referenciais binários solidificados e fixos,

pois modificá-los dificultaria a essência do reconhecimento para como os afetos devem funcionar.

A forma de quebrar esse sistema é destruindo o princípio do seu funcionamento: tornar os corpos ininteligíveis/incompreensíveis para o propósito da reprodução sexual e dos papéis de gênero já estipulados. Ou seja, se os corpos não são mais capazes de indicar qual seu órgão reprodutor, então como saber se os afetos estariam sendo endereçados para os corpos certos para atingir a finalidade da reprodução, a finalidade da cisgenderonormatividade?

Num sistema binário e cisgênero, isso é fácil, um homem reconhece uma mulher como seu complementar e vice-versa, assim podem endereçar seus afetos e seus corpos poderão resultar na reprodução, cumprindo seu papel econômico no modo de reprodução *cybercapitalista*, enquanto num sistema generocentrada essas lógicas se mantém mas assimilando sexualidades não-hétero, mas fundamentadas no gênero, para continuar justificando a existência do afeto, desejo e sexualidade em função da genital e do binarismo.

Já num sistema não-binário e transgênero, os corpos não mais indicam sua capacidade reprodutiva. A aparência do corpo já não está mais em conformidade com esta capacidade, criando uma complexidade que o sistema de gênero é incapaz de gerir.

A modificação corporal para além do binário, a desidentificação e a identificação arbitrária de identidades de performatividade (ou o que chamamos de gênero) para além das categorias pré-concebidas pela cisgenderonormatividade (homem, mulher, hétero e seus opostos) criam complexidades nos referenciais dados pelo sistema de gênero, uma vez que ele é oposto a essas dinâmicas. O sistema de gênero aceita modificação corporal enquanto reforça o binário, ele rejeita a desidentificação com os papéis atribuídos e estipula regras para a identificação da performatividade (gênero) dentro das possibilidades já pré-determinadas dentro do binarismo e da sexualidade generocentrada, rejeitando a arbitrariedade do sujeito de fazer essa performatividade como desejar.

Nesse sentido, a abolição de gênero passa pelo domínio das tecnologias de generificação por pessoas transqueer. A decisão de transicionar de gênero, ou seja, tornar-se dissidente do sistema gênero é diretamente relacionado com as possibilidades dadas pelas tecnologias de generificação da sociedade (ex: Transição Hormonal, cirurgias, técnicas de mudança de voz, da linguagem, de perfis extra-corpo como na internet, espaços para praticar diferentes performatividades etc).

Mais tecnologias de modificação corporal disponíveis e dominadas por pessoas trans significam maiores possibilidades, possivelmente infinitas, de **invenções de formas de existir e construir nossos corpos**. A perspectiva de futuro e possibilidade de novos corpos, não só despertariam mais pessoas para o desejo da autonomia corporal, como também nos levaria para corpos além dos que conhecemos pelo binarismo, produzindo-os de forma que não seriam mais reconhecíveis pelos referenciais binários do sistema de gênero.

Dessa maneira, o sistema de gênero torna-se obsoleto e incapaz de cumprir seu papel de fazer-nos reconhecíveis para dizer para onde os afetos devem ser direcionados e quem

deve cumprir quais papéis. Não seria o fim desse sistema de gênero, incapaz de traduzir a nova lógica de corpos, a abolição de gênero então?

Acredito que, para nós hackers, essa perspectiva é o que possibilita pensar num mundo sem gênero, em que os ciborgues transcendem o binarismo e entendem seus afetos não mais pelas lógicas antiquadas da cisgenderonormatividade, mas sim por dinâmicas mais complexas e profundas da conexão desejante. Não passando mais por validações fúteis como genitalização ou papéis esperados de gênero, garantiremos a autonomia corporal. Sejamos *transciborgues*.

Hacking artístico

“O hackeamento traz à existência a multiplicidade de todos os códigos, sejam eles naturais ou sociais, programados ou poéticos, lógicos ou analógicos, anais ou orais, auditivos ou visuais. Mas é o ato de hackear que compõe, ao mesmo tempo, o hacker e o hack.”

- McKenzie Wark, Um Manifesto Hacker

Falando sobre amor, não podemos deixar de fora a arte. Nós hackers entendemos que somos programáveis, que somos produtos de nosso tempo, dos sistemas e dispositivos que nos elaboram, mas isso também nos faz capazes de utilizar instrumentos para hackear nosso corpo, nossa percepção da realidade, nossa percepção de si e assim transformar a nós e ao mundo ao redor, que é o objetivo final de todo hacker, assim como da arte.

A arte é, sem dúvida, um dos artefatos mais interessantes inventados por nós. Quem nunca utilizou uma música para conectar-se a sentimentos? Ou de uma imagem para registrar ou evocar memórias? Ou do tato para expandir a consciência sobre as sensações? A arte possibilita irmos além de onde estamos e este é o propósito *cyberhacker*: sair de onde estamos. Sair do âmbito da representação para a expressão.

Enquanto ainda há muitas formas de hackear os nossos corpos e mentes: drogas, hormônios, cirurgias, celulares. A arte é a única que é capaz de fazer isso sem os colaterais de outros hackings. A arte é a droga sem ressaca.

Vamos nos drogar de arte, ter overdose de arte, nos conectar pela arte, pois seu hacking acontece não somente em sua apreciação mas também em sua produção. Um hacker que não faz arte, não dança, não escreve poemas, não canta, não pinta ou desenha, não edita, é um hacker incompleto. A desconexão com a capacidade de ser um artista, não famoso, mas só de fazer arte, é uma desconexão com o mundo.

O sistema *cybercapitalista* pretende avançar primeiro sobre o setor criativo pois ele sabe que ali, como no amor, moram grandes potencialidades, e é por isso que desconectar as pessoas da arte é uma forma de controle muito eficaz.

A arte é um elemento da expressão quando feita de forma conectada com sua subjetividade. Ela gera as abstrações de outras possibilidades, outros mundos, ou as denúncias desse mundo. A arte algorítmica é seu oposto, é a arte em reproduzibilidade técnica, referenciando Walter Benjamin. A arte algorítmica é a arte em forma de mercadoria, sendo replicada sem conexão com a subjetividade mas com a finalidade do lucro.

Cyberhackers não podem recorrer à arte algorítmica, mas devemos hackear-la. Produzir as abstrações conectando-as novamente com nossas subjetividades para torná-las expressões e não mera representações em repetição. Usemos a arte para denunciar, conectar e hackear, levando nossos corpos e mentes para além dos limites das representações e abstrações já conhecidas.

Um exemplo desse processo é a música eletrônica, uma música ciborgue. A mixagem de sons e sua capacidade de ser modificada tecnologicamente permite a produção de sons híbridos entre natural e tecnológico. Diferentemente do corpo, a velocidade de explorar os sons é muito maior, podendo partir da mixagem de um som natural que se hibridiza com tecnologia, e posteriormente esse som híbrido pode ser mixado novamente, tornando-se mais híbrido, mais ciborgue e distanciando-se da natureza do som e produzindo um som novo em si próprio.

Esse exemplo de exploração do hibridismo sonoro reflete também a potência da não-binariiedade e construção de novos gêneros, que ao rejeitar o binarismo, parte desse lugar do binário mas que pode estar constantemente se mixando para produzir novas formas de existir pelo corpo e pela linguagem, assim como faz a música eletrônica.

A arte de expressão é essa arte que permite a diferenciação constante, a produção de novas formas de existir sonoras, táteis ou visuais, em que seu processo não cessa e é capturado pela lógica da mercadoria, mas sim permanece nesse constante processo de transformação, que permite a invenção, na mixagem, do som híbrido e então do híbrido do híbrido e então o híbrido do híbrido do híbrido... tal qual podemos fazer com nosso gênero no momento que passamos a tecnologizar nosso corpo. A arte nos ensina esse processo de abstração, desabstração e reabstração antes mesmo de experimentar em nossos corpos.

Vamos disputar a arte da expressão contra a arte da representação, vamos denunciar e conectar enquanto os *cybercapitalistas* buscam replicar arte em uma linha de produção artificialmente inteligente.

Não nos deixemos ficarmos apáticos, façamos hacking artísticos!

Cyberhackers

"Hackear é Abstrair. Abstrair é produzir o plano sobre o qual coisas diferentes podem entrar em relação. [...] como diz Ross, 'O conhecimento de um hacker, capaz de penetrar sistemas existentes de racionalidade que, de outra forma, poderiam parecer infalíveis; um conhecimento hacker capaz de requalificar e, portanto, reescrever os programas culturais e reprogramar os valores sociais que abrem espaço para as novas tecnologias; um conhecimento hacker, capaz também de gerar novos romances populares em torno dos usos alternativos alternativos da engenhosidade humana' "

- *Manifesto hacker, McKenzie Wark*

Chegamos na forma de existir capaz de construir um outro mundo. Por meio de todos os capítulos, eu tentei explicar como nossa *cybersociedade* opera, atualizando outros hackers, ou filósofos, para os tempos atuais. Também tentei indicar algumas coisas de como nós

hackers operamos, pois seria injusto dizer que há um problema e não dizer o que podemos fazer. Um hacker não pensa somente o mundo, mas modificá-lo (Não é mesmo, Marx?).

Decidi então atender ao chamado de Haraway e de Wark, para produzir uma nova categoria que possa agregar lutas políticas sobre o corpo e o ciberespaço versus o sistema de dominação *Cybercapitalista*. *Cyberhacker* é esta categoria.

Esse capítulo, é uma síntese de tudo que foi trago até agora em que tentarei descrever essa subjetividade que classifico como *cyberhacker*. O mais curioso desse desafio, é que uma vez que estou descrevendo uma forma de existir caótica e em constante mudança, dificilmente conseguirei capturar de fato o que é ser hacker, o que significa que podem existir muitas outras formas de chegar no objetivo final de um hacker para além do que irei descrever.

O objetivo de todo hacking é explorar as brechas de um sistema e chegar em novas soluções quebrando aquele sistema. O objetivo de todo hacking mental é explorar as brechas que sistematizam nossa forma de ver o mundo para quebrar esses dispositivos para então conseguirmos encontrar novas formas de existir. Hacking é a abstração, desabstração e reabstração das linguagens e códigos que produzem nossas interfaces para expressarmos outras e assim encontrarmos possibilidades de diferenciação.

O *Cyberhacker* é, antes de tudo, alguém **consciente de que a realidade não é um fatalismo**. A ideia de que “o mundo é assim mesmo” é repugnante para nós, o mundo nunca é consequência da nossa incapacidade de mudar ele. Pelo contrário, ele é consequência da nossa extrema capacidade de modificá-lo e, sendo assim, se ele é como é, é porque ele é operado para que seja como é. Por isso nós hackers temos de descriptografar e hackear as tecnologias e dispositivos que constroem o mundo *cybercapitalista*, pois queremos recuperar nossa capacidade de modificar o mundo e desativar as formas de poder que regem esse mundo.

Não caímos na ladainha neoliberal de achar que a capacidade de mudar o mundo vem de uma capacidade individual empreendedora. Hackers sabem que o mundo é construído pelas redes e comunidades e só é possível resistir nelas. As comunidades são forças tão poderosas que é o que o sistema frequentemente busca construir ou assimilar, transformando em mercadoria ou em categorias para serem utilizadas pelo Estado (por exemplo a identidade de nação ou sujeito do direito).

Cyberhackers se constituem em comunidade. O fortalecimento de nossas comunidades com os princípios *cyberhackers-anarquista transqueer* possibilitará construirmos pontos de resistência. Comunidades conscientes da sua essência anti-sistêmica dentro do capitalismo nos levam ao enfrentamento pela nossa existência, o enfrentamento nos traz mais consciência e senso de coletivo, que nos possibilitará formar coalizões (alianças políticas) entre as comunidades para levantar barricadas e gestarmos novas formas de existir.

Temos a possibilidade de constituir comunas na materialidade e também no mundo virtual, podemos nos interligar em comunidades muito além do que o espaço físico nos permite e por isso nós hackers utilizamos das redes para construirmos e influenciar nossas comunidades. **Cyberhackers aprendem no mundo material** e recriam o mundo virtual a partir das consciências anti-sistêmicas que tiramos da realidade do cotidiano e do dia a dia.

Se o mundo virtual hoje é um produto do extrato *cybercapitalista* e *tecnopatriarcal* das big techs e covardes Estados nacionais, então nós hakearemos e instrumentalizaremos o mundo virtual para a construção das nossas comunidades onde os tentáculos do poder deste mundo tardio ainda não conseguiu chegar. Nossas barricadas são físicas e virtuais.

Cyberhackers se infiltram pois não idealizamos uma vida fora do sistema. O *cybercapitalismo* virá atrás de todos, virtualizar-se é uma questão de tempo para todos, portanto não adianta lutarmos fugindo do sistema. Fugir da realidade é apenas tentar dessensibilizar-se dela. Nós estamos no mundo e somos conscientes das dinâmicas que o constituem para mudá-las. Estamos no sistema para aprender com ele, hakea-lo e instrumentalizá-lo para nossas barricadas e não para nos assimilarmos a ele.

Também somos **não-binários e nos desidentificamos**. Cyberhackers não operam pela busca por uma identidade, mas sim pela busca de uma desidentidade. Entendemos que o sistema quem nos provém as possibilidades de existências que já estão dadas e a forma de escapar disso é através da desidentificação. Nos desidentificamos do gênero, da nacionalidade, da sexualidade e de qualquer identidade ou papel pré-concebido. Nossa identificação só ocorre de forma arbitrária, volátil e flexível, porque nosso futuro é desidentificar-nos. Por isso, **somos caóticos** e apreciamos a mudança assim como os momentos e saber estar nas passagens, pois quem ama a mudança, também ama a jornada que ela proporciona.

Somos ciborgues. Entendemos que nossos corpos são produto de relações complexas sociais que garantem nossa existência da forma que ela é. Por isso, disputamos essas relações e processos que constituem nossos corpos, montamos nossas barricadas em nós e utilizamos para produzir o corpo desejado para além de categorias como gênero e binarismo.

Subvertemos a linguagem. Entendemos que o campo simbólico é por onde interpretamos o mundo, a nossa leitura do mundo se expressa pela interface da materialidade ou da virtualidade nos corpos ou avatares. Sendo assim, as linguagens que constroem essas interfaces precisam ser subvertidas. Para isso, **negamos os códigos simbólicos binários que servem de base para a construção dessas linguagens**. Refazendo esses códigos pelas óticas não-binárias encontramos novas linguagens para expressar as relações e, assim, criamos novas possibilidades de interfaces com o corpo, com a consciência, a sexualidade, o trabalho e todas as formas de produção da vida.

Cyberhackers amam, sabemos que o caminho da mudança é a comunidade e por isso dependemos dos sentimentos e afetos para nos permitirmos ir além da racionalidade, que é somente o sistema operando binariamente para nos fazer aceitar as lógicas que ele propõe. A racionalidade sem sentimento é falsa, o sentimento faz parte das variáveis e não assumi-los como premissas resulta em um sistema de dominação que não se importa com as necessidades humanas. Por isso amamos, sabemos do potencial dos sentimentos e principalmente do amor, em sua forma mais livre. Os sentimentos fazem parte das nossas linguagens.

Por fim, **Somos otimistas**, não num sentido positividade mandatária, mas porque sabemos do poder de hackear nossas mentes e corpos para vermos um futuro melhor e possível, vemos as oportunidades no presente mesmo que distópico, porque somos conscientes dos

desafios sociais impostos a nós, mas sabemos que podemos superá-los se estivermos em rede, coletivizados, em comunidades para nos apoiar e estabelecer possibilidades impossíveis de constituirmos atomizados individualmente.

Esses são os princípios que enxergo na *cybersubjetividade* hacker. De forma genérica, tentei elencar como não se perder ou tornar-se um mero usuário do sistema, que frequentemente tenta te tornar um fatalista, individualizado (ou atomizado), totalmente virtualizado e anestesiado para sentimentos, refém das interfaces feitas para que os usuários sigam passivamente “scrollando” a vida. Somos o oposto disso, somos inconformados, comunitários, vivemos no mundo e instrumentalizamos o virtual ao invés de sermos instrumentalizados por ele, e somos apaixonados, sentimos e nos deixamos sentir, hackeamos as interfaces e a linguagem que as produz. Assim, podemos inventar novas formas de existir.

Fim?

Parece-me que passei a você alguns dos hackings mais complexos que desenvolvi ao longo da minha *cybersubjetividade hackerqueer*. Se eu consegui, de alguma forma, encontrar as barreiras mentais que lhe impuseram, e que também haviam sido impostas a mim, e de alguma forma exploramos as brechas delas e encontramos novas formas de ver o mundo, então creio que tivemos sucesso.

Acredite, eu só falei alguns dos infinitos dispositivos e tecnologias que hoje produzem nossa *cybersubjetividade*, mas espero ter lhe passado as lições mais importantes para se apropriar deles e não ser apropriado por eles.

Afinal, vivemos um claro momento de transição social e econômica. As transformações da indústria farmacêutica e das novas formas de experienciar a sexualidade para além da cisgenderonormatividade abalaram o modo de reprodução da vida e, consequentemente, o modo de produção.

Isto significa que o capitalismo, sistema conhecido pela dinâmica da exploração do trabalho através da propriedade privada dos meios de produção de sobrevivência para maximizar os lucros nas mãos dos donos dessa propriedade, terá de se transformar e sofisticar suas formas de controle para manter-se como sistema dominante.

Esse novo **Cistema** existe a partir do *cybercapitalismo tecnopatriarcal tecnoracista*, em que ao invés de disciplinar as subjetividades, desenvolveu-se tecnologias mais complexas para produzir as subjetividades. Não mais é necessário violentar para disciplinar. Agora é programá-lo para amar o Cistema e reproduzi-lo.

Nós hackers estamos à margem, por isso não somos tão facilmente programáveis, pois somos as criações falhas, os bugs do sistema, os resultados não esperados dessa distopia que pretende nos aprisionar. Por isso, precisamos denunciar e nos manter resistentes. Explorar as brechas do Cistema para fragilizá-lo e possibilitar-nos sair do aprisionamento *cybercapitalista* para descentralizar o poder econômico, político e de construção corporal.

Este livro não se encerra aqui, porque agora você também será um de nós, e com os saberes e capacidade de hackear, você pode trazer mais para o nosso lado, construir espaços de resistência dos marginalizados em que um novo mundo possa ser gestado.

Faça sua arte, explore suas ideias, continue hackeando e não deixe tornar-se uma extensão dos algoritmos das big techs. Confio em você e foi para ti que escrevi. Em busca de um novo mundo, nos encontramos por aí.

Até a próxima.

**Retome as tecnologias roubadas de nós,
Não deixe-os ter nossos amores e corpos**